Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim
Secretário-Geral Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

Instituto Cultural Antonio Olinto

Presidente Antonio Olinto

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

José Luís Lira

Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto

Brasília, 2008

© 2008 – by José Luís Araújo Lira
Todos os direitos reservados à Fundação Alexandre de Gusmão. Reprodução proibida.

Equipe Técnica:
Maria Marta Cezar Lopes e Lílian Silva Rodrigues

Projeto gráfico e diagramação:
Cláudia Capella e Paulo Pedersolli

Fotos: Arquivos de Antonio Olinto e do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catalogação na Fonte: Madalena Figueiredo

Impresso no Brasil 2008

L768b Lira, José Luís
Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto / José Luís Lira. Rio de Janeiro: ICAO, 2008.

256 p. il.

ISBN: 978-85-7631-121-8

1. Rocha, Antonio Olyntho Marques da, 1919. 2. Escritores brasileiros - Biografia. I. Título.

CDD 928.69

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@mre.gov.br

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14.12.2004.

Este livro é de Antonio Olinto e de Zora Seljan (in memoriam), dedicado aos tantos que os admiram, entre os quais Beth Almeida, Maria Luiza de Queiroz, Nélida Piñon, Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho, Tatiana e Rodrigo Pereira, Matusahila Santiago, Bárbara Junqueira Ayres, Artur Eduardo Benevides e meus pais: Luíza e Izídio Lira.

"Só a palavra não morre
vai além de tudo e cria mundos
capazes de sustentar o nada
que nos habita".

Antonio Olinto

"... Nas águas vou de Milliet, e repito: Olinto alcança grande pureza de expressão; calmo é o seu ritmo, e o verso brota de fonte límpida. Poesia límpida. E acrescento: isenta em tudo de toda vulgaridade; só dele: de Antonio Olinto. Lede-a: vereis que não minto".

Manuel Bandeira

"... Antonio Olinto introduziu em nossa ficção a temática africana, quero dizer, não o romance dos escravos que vieram para o Brasil, mas o dos seus descendentes que, regressando aos territórios ancestrais, lá implantaram um prolongamento da civilização brasileira (...)"

Wilson Martins

"Na realidade, Antonio Olinto dispensa qualquer apresentação. Todos o conhecem. Difícil é saber como: se romancista ou poeta, crítico literário ou adido cultural, editor ou jornalista ou, ainda, artista plástico ou imortal da ABL. No fundo prevalece seu amor pelas palavras, as palavras que os seres humanos utilizam e pelas quais ele os conhece tão bem. Por isso, é um MESTRE".

Sumário

O Mestre Antonio Olinto 13
Antonio Olinto: o amor ao Rio e ao Brasil 17
Antonio Olinto trabalha demais 23
Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto 27
Quem é Antonio Olinto? 33
No ventre de minha mãe 39
A origem heráldica da família de Olinto 43
Ubá 49
Piau 55
Santo Antônio 61
Antonio Olinto 67
O Município *69*
O político *70*
O avô *71*
O seminário 73
O professor 77
O poeta 81
Jornalismo e crítica literária 85
Conferencista e apresentador 89
Zora 93
O político 101
Revista Brasil Constrói 105
O Diplomata 109

A mãe África 117
O PEN Clube 127
A Academia Brasileira de Letras 133
Jornal de Letras 175
Academia Brasileira de Hagiologia 179
Secretaria das Culturas 183
Instituto Cultural Antonio Olinto 187
O poema 191
O incansável literato 195
Iconografia 201
Antonio Olinto: homem com coração de menino 227
Antonio Olinto: um homem feliz 235
Bibliografia de Antonio Olinto 239
Bibliografia utilizada 247
Webgrafia 251

O Mestre

Antonio Olinto

O Mestre Antonio Olinto

Nélida Piñon
(Da Academia Brasileira de Letras)

Antonio Olinto é um mestre. Mestre da vida e da arte. Matérias que são nele inseparáveis, uma alimentando a seiva da outra. O escritor presente entre os seres e o homem atento aos sobressaltos do cotidiano. Tudo a serviço do seu percuciente talento.

A arte deste escritor, porém, aloja-se em tantas geografias, alcança dimensões brasileiras e universais. Em rara aliança com as palavras, elas vicejam na sua prosa, na sua poesia, na sua crítica. É uma escritura que, sobejamente provada ao longo de décadas, é ao mesmo tempo brasileira, africana, grega, mineira, lá de Ubá, sua terra natal.

E isto porque predomina, na sua criação, o traço revelador da sua visão do mundo. A condição de um artista cuja poética apurada leva-o eventualmente a distanciar-se do Brasil no afã de revelar-nos quem somos, de onde procedemos, qual é a aventura da nossa psique. Em sua gesta de escritor de largo espectro criador, reverencio o magnífico A Casa da Água, a saga que fortalece a poderosa matriz africana do Brasil. Graças a esplêndida fabulação deste romance, acompanhamos a épica africana que, chegada ao Brasil, após terrível travessia atlântica, faz posteriormente o caminho inverso até a África, afim de retomar a cidadania que lhe

fora roubada. Contudo, sob o impulso da força narrativa de Antonio Olinto, constatamos que estes ilustres africanos, embora de volta à pátria, não conseguem desprender-se do Brasil que já tinham no coração.

Com rara desenvoltura criadora, Antonio Olinto navega entre todos os gêneros literários, feudos seus. E, na condição de intelectual ativo e original, ama o texto alheio, resguarda o que os demais escritores produzem, pensam, questionam. Tal adesão à arte enseja que ele, no exercício de sua arte, referende a realidade brasileira sem poupar esforços, minúcias, elaborações literárias. Pois, sobre tudo, ele é um artista antenado para quem o mundo lhe é familiar. Capaz de vozes próximas e longínquas, sejam brasileiras, africanas, inglesas, gregas. Sempre acompanhado da escritora Zora Seljan, amor de toda uma vida. Ambos uniram-se para celebrar o amor, o cotidiano, a amizade, os livros, a arte que radica no humano e nos é imprescindível.

Antonio Olinto tem os passos céleres e já ultrapassou 80 anos. Perambula pela cidade e pelos lugares como se fora um proclamado jovem. Não demonstra cansaço, esgotamento, tédio. Parece viver convicto de que ainda lhe faltam duas décadas por vencer. E enquanto aguarda um novo ciclo, ri, com gosto. A mim, beija-me com alegria, festeja-me, como se agradecesse que eu estivesse viva e fora sua amiga. Tanta generosidade devendo-se que amadureceu como um príncipe, integrado à linhagem dos vivos.

Conhecer Antonio Olinto é um prêmio e desfrutar de sua criação é obter a certeza de que a arte, ao alcance dos humanos, é perdurável, há de sobreviver. Este escritor e este homem ensinam-nos a viver.

Antonio Olinto: o amor ao Rio e ao Brasil

Antonio Olinto: o amor ao Rio e ao Brasil

Murilo Melo Filho
(Da Academia Brasileira de Letras)

Antonio Olinto Marques da Rocha, tão bem focalizado neste livro por José Luís Lira, como um "Brasileiro com alma africana", é o nome de um mineiro, romancista, contista, poeta, crítico e jornalista, hoje na Secretaria Municipal das Culturas, onde, como um autêntico servidor do Patrimônio Cultural desta Cidade, vem executando um ambicioso plano da instalação de dezenas de Bibliotecas Públicas Populares, cheias de livros, nas favelas e na periferia do Rio de Janeiro. E que deu às duas últimas os nomes de seus particulares amigos Jorge Amado e Rachel de Queiroz.

"A Casa da Água" é a sua obra-prima, verdadeiro "best-seller" internacional, traduzida até agora para vinte idiomas, além de vários outros romances, como "Copacabana", "Trono de Vidro", "Tempo de palhaço", "Sangue na floresta", "O Rei de Keto" e "Alcacer-kibir".

Esse mineiro, nascido a 10 de maio de 1919, na Cidade de Ubá, conterrâneo de Ary Barroso, supôs que tinha vocação sacerdotal e ingressou no Seminário Católico de Campos, aqui no Estado do Rio de Janeiro, transferindo-se depois para os Seminários Maiores de Belo Horizonte e de São Paulo.

Após vários anos de vida monacal e celibatária, convenceu-se de que o sacerdócio não era a sua verdadeira vocação.

Se tivesse permanecido no Seminário, certamente seria hoje um Bispo ou até um Cardeal, do qual a Igreja Católica abriu mão em benefício da literatura e da cultura brasileiras, que conquistaram um escritor e um professor simplesmente admiráveis.

Antonio Olinto resolveu então escrever. E ao longo de todos estes últimos anos, não tem feito outra coisa na vida senão escrever e ensinar, como Professor de Latim, Português, Inglês, Francês e Histórias da Civilização e da Literatura.

Parodiando Pirandello – segundo o qual "la vita si vive e si escrive" – poderíamos dizer sobre Antonio Olinto que ele: "Leu e escreveu. Nada mais lhe aconteceu".

A palavra passou a ser, assim, seu grande instrumento de trabalho, ao qual se agarrou e do qual até hoje não se separou um só minuto.

Tem sido, então, um servo e um escravo, que colocou toda a sua capacidade de trabalho e de sabedoria ao serviço cultural e literário.

Durante 25 anos, escreveu em "O Globo", uma seção com o título: "Porta de livraria", pela qual transitaram todos os principais fatos e personagens da vida intelectual do País.

Organizou ele o Prêmio Walmap, que foi o pioneiro dos grandes prêmios literários no Brasil.

Convidado pelo governo da Suécia, participou das comemorações, em 1950, do Cinqüentenário do Prêmio Nobel, e, sempre usando a palavra, fez conferências nas Universidades de

Estocolmo e Upsala, onde se encontrou com Bertrand Russel e William Faulkner.

Casou-se com Zora Seljan em 1955 e viveram mais de 50 anos. É também o Vice-Presidente Internacional do PEN CLUB e o Editor do "Jornal de Letras".

A convite do Departamento de Estado, percorreu 36 Estados americanos, falando sobre a cultura e os intelectuais brasileiros. Tivemos, então, em Nova York, há muitos anos, um inesperado encontro: estava eu na arquibancada do Madison Square Garden, assistindo a um comício de encerramento da campanha presidencial do candidato Adlai Stevenson, quando se sentou ao meu lado – justamente quem? – Antonio Olinto.

O nosso governo parlamentarista de 1962 (se não fez outras coisas boas), pelo menos o nomeou Adido Cultural em Lagos, a capital nigeriana, de onde, durante três anos, se transportou para Dakar, Abidjan, Porto Novo, Serra Leoa, Connakri, Monrovia, Luanda e outras capitais da África Ocidental, fazendo conferências sobre o Brasil e produzindo uma obra africana tão bem descrita neste livro.

Em 1968, foi nomeado Adido Cultural em Londres e aí desenvolveu uma intensa atividade, através de palestras e de mais de cem exposições sobre motivos brasileiros, além de editar, durante cinco anos, uma revista em inglês "Brazilian Gazette".

Foi eleito para a Cadeira nº. 8 da nossa comum Academia Brasileira de Letras, tendo como Patrono o poeta inconfidente Cláudio Manoel da Costa; como Fundador, outro poeta, parnasiano, Alberto de Oliveira e como antecessores o sociólogo Oliveira Viana e os jornalistas Austregésilo de Athayde e Antonio Callado.

A sua Cadeira é, assim, uma Cadeira da Poesia, da Sociologia e do Jornalismo, enfim uma Cadeira, por excelência, da palavra.

Esta é a singela e resumida história de um cidadão, de um patriota e de um homem de bem, sobre o qual José Luís Lira escreveu este livro sobre "Um brasileiro com alma africana" e eu escrevi este Prefácio: um homem simples, modesto, humilde, digno, culto, competente, limpo e incorruptível, chamado Antonio Olinto, com um extremado amor por esta Cidade e por este País.

Antonio Olinto trabalha demais

Antonio Olinto trabalha demais

Paulo Coelho
(Da Academia Brasileira de Letras)

Antonio Olinto é incansável. Se tivesse escolhido a música para manifestar sua alma, com toda certeza seria autor de peças maiores que as mais extensas sinfonias de Wagner.

Se Antonio Olinto resolve fazer uma pesquisa, não há manuscrito ou tese que não seja revirada, canto escuro que não termine por ver a luz do dia. Se fosse um personagem de ficção estaria sentando no bar do Ritz ao lado de Hemingway em "Paris é uma festa".

Antonio Olinto é um homem de extremos, e para William Blake, a estrada dos excessos leva ao palácio da sabedoria. Justamente porque é um homem que vai além dos seus limites, é um alquimista capaz de tornar em realidade sonhos.

Como um verdadeiro guerreiro da luz, ele mergulha no turbilhão da vida e extrai a essência. Sua imaginação vê diamantes, safiras, e rubis em lugares onde olhos inexperientes apenas podem detectar uma nuvem no céu, ou uma água jorrando de uma fonte.

Antonio Olinto caminha. Anda adiante com a mesma constância dos ponteiros dos seus relógios e com a mesma força do cisel que lapida a pedra bruta até transformá-la em jóia. Combina a espontaneidade da criação com a lógica implacável das letras, dos verbos, e das frases.

Sua profissão aparece desde o alvorecer da humanidade, quando um homem ao andar numa praia reparou que a concha aos seus pés não era mais um pedaço de mar jogado na areia, mas o enfeite de sua bem amada. Ou quando o ser humano decidiu que, para que as pessoas no futuro pudessem evitar repetir os erros do passado, era preciso relatar, através de metáforas, tudo que tinha acontecido em sua geração.

Cada pessoa tem consciência do sentido da sua vida. Ela sabe quando está próxima desse sentido quando ela tem entusiasmo, quando ela coloca amor no que está fazendo. Ela sabe que está longe quando cada dia aparece um outro e não existe nenhuma motivação especial que lhe dê alegria.

Antonio Olinto busca o ideal da beleza. E espero que jamais se sacie desta busca, porque cada passo seu adiante desvenda um mundo que todos nós gostamos de admirar.

Antonio Olinto talvez pare de trabalhar demais, mas acho difícil. É um homem que nasceu para os desafios, e jamais interromperá sua caminhada em direção ao belo.

Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto

Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto

"Zora e eu estávamos fisgados, e não o sabíamos... Estávamos arpoados, presos, marcados para o resto da vida. Corria em nosso sangue o vício da África de que ninguém se livra mais."

OLINTO, Antonio. In: Brasileiros na África. São Paulo: Ed. GRD / Inst. Nac. do Livro, 1980, p. 229.

Esta é a sétima biografia que escrevo. Delas tive um compromisso comigo mesmo: não escreveria simplesmente por escrever. Teria que haver relação pessoal, emocional, para incursionar, aventurar-me a contar sua vida. Mesmo que não chegasse a conhecer meu biografado, precisaria obrigatoriamente de algo que o fizesse presente em minha história pessoal.

A primeira tentativa de biografia foi sobre meu mestre e santo de devoção, Monsenhor Antonino Cordeiro Soares, depois, veio a deusa da literatura brasileira, Rachel de Queiroz, seguida do poeta do Ceará, Artur Eduardo Benevides, e os setenta anos de sacerdócio de um Príncipe da Igreja, Dom José Bezerra Coutinho, me fizeram registrar sua trajetória, e uma admiração da infância no País dos Mourões deu-me alento para registrar a saga de Gerardo Mello Mourão.

A paixão pela santidade (da qual tanto me distancio) fez vir a lume *Candidatos ao Altar*, sobre todos os brasileiros candidatos a santos e Mártir do Cristo Rei: José Luis Sánchez del Río.

Assim componho o *pantheon* dos meus ídolos. Muitos ainda faltam e chegou a vez de falar e conviver mais proximamente com este brasileiro de alma africana: Antonio Olinto.

Já havia lido *A casa da água* que recebi de presente de Rachel de Queiroz, quando, em 2000, na comemoração dos 90 anos de Rachel, na Academia Brasileira de Letras, conheci Antonio Olinto. Três anos mais tarde, após concluir o *No Alpendre com Rachel*, quando a visitei para apresentar o livro, ela sugeriu o nome do Acadêmico para prefaciar sua biografia. Fiquei maravilhado. Fui recebido por ele e Zora e, em seguida, apresentado ao seu "anjo da guarda", Beth Almeida.

Dos conhecedores da África, Olinto incorporou a alma e a sensibilidade daquele povo. Talvez ao lado do grande rio da África, Antonio Olinto enxergou o rio do Piau, sacrário de sua infância. E, lembrando suas palavras em *Os móveis da bailarina* (Rio de Janeiro: Nórdica, 1994, p. 28), ele ao ver de sua janela, em Copacabana, "... o mar se estendendo livre, imagina sempre a África no lado oposto". Seu apartamento guarda a maior coleção de estátuas africanas nas mãos de um particular, máscaras raras, evidenciando o espírito africano ali presente.

Na apresentação do livro "Os móveis da bailarina", o italiano Sante Bagnoli, afirma: "... Wole Soyinka, um ano antes de receber o Prêmio Nobel [de Literatura], disse de Antonio Olinto: 'Ele é um dos nossos'. O que queria dizer, é um nigeriano, um africano".

Prossegue o apresentador, "De igual modo também falara Edoaurd Maunick, grande poeta de Maurício, ilha africana do Oceano Índico" e mais adiante, conclui: "Olinto é autor, por certo, da mais impressionante epopéia do povo africano em sua migração das Américas para a África: epopéia de um retorno... dir-se-ia que foi concedida a Antonio Olinto, em razão de suas obras *A Casa da Água*, *O Rei de Keto* e o *Trono de Vidro*, a cidadania *ad honorem* do continente negro". É esta, portanto, uma das justificativas do título *Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto.*

De prosa em prosa, fomos ficando amigos e a admiração pelo imortal aumentou. Sei que é ousadia, mas, considerando seus dez anos na Academia Brasileira de Letras e as festividades do sesquicentenário de Ubá, decidi apresentar ao homenageado e ao público este *Brasileiro com alma africana: Antonio Olinto* e, recordando suas próprias palavras: "Eu preciso recomeçar do começo,/ Criar novas quimeras, nutrir buscas,/ Reconhecer o toque da agonia,/ Reaprender os jeitos da vida".

Fortaleza, 13 de junho de 2007, festa de Santo Antônio.

José Luís A. Lira

Quem é Antonio Olinto?

Quem é Antonio Olinto

"Ficou decidido
Que eu seria homem, nascido
Em 1919, sob um papa
Benedicto ou Bento
Para – nu, frágil e só
Levantar o pó
De cada nítido aumento
E entender o verso
E o universo?"

OLINTO, Antonio. E / Ou. In: 50 Poemas escolhidos pelo autor. Rio de Janeiro: Ed. Galo Branco, 2004, p. 40.

O mineiro Delfim Moreira, pertencente à geração de republicanos históricos mineiros, vice-presidente na chapa de Rodrigues Alves durante as eleições, assumiu a Presidência em virtude do falecimento daquele, vítima da gripe espanhola, até que fossem convocadas novas eleições, no período de 15 de novembro de 1918 a 28 de julho de 1919.

No seu curto governo, o Brasil se fez representar na Conferência de Paz em Paris, pelo senador Epitácio Pessoa, que, eleito presidente, quebrou a política do café-com-leite.

Portanto, em período agitado na política mineira, Antonio Olyntho Marques da Rocha (Neto)* nasceu no dia 10 de maio de 1919, em Ubá (MG), filho de José Marques da Rocha e Aurea Loures Rocha.

Dez de maio, a data de nascimento do menino Antonio, é dedicada a Santo Isidoro, o camponês de Madri que viveu no longínquo século XI, fazendo o bem e praticando a caridade. Ressalte-se que o santo foi canonizado junto com Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus; São Francisco Xavier, o grande missionário; Santa Teresa d'Ávila, a santa que questionava; e São Filipe Néri, o santo da alegria, que encantou a Igreja com seu jeito criativo e excêntrico de viver o Evangelho.

Nascer em Minas é um privilégio, pois ali a respiração é de religiosidade e cultura. Além disso, Antonio Olinto tem em sua árvore genealógica integrantes da Inconfidência Mineira, conforme veremos à frente.

---

* Certidão de nascimento de Antonio Olinto: "Nº 161v – Aos doze dias do mês de maio de mil novecentos e dezenove, nesta cidade de Ubá, Estado de Minas, em meu cartório compareceu José Marques da Rocha, industrial, morador nesta Cidade, à Rua da Estação e declarou que no dia dez do corrente mês, às seis horas da manhã, no seu domicílio, nasceu uma criança do sexo masculino de nome Antonio Olyntho Marques da Rocha, filho legítimo dele declarante e de sua mulher, D. Aurea Lourres Rocha, casados no Piau, d'onde esta é natural, sendo ele natural da Cidade de Oliveira. São avós paternos da criança: Antonio Olyntho Marques da Rocha, professor, e D. Eugênia Marques da Rocha, moradores no Piau, e maternos: Marciano dos Santos Loures, farmacêutico, e Amelia Ribeiro Loures, esta falecida, e aquele morador no Piau. Do que faço este termo que assinam o declarante com as testemunhas presentes José Goiacoia, negociante, e Carlos Caiaffa, negociante, moradores nesta cidade, depois de lido e achado conforme. Eu, João Hippolito, oficial do Registro Civil, o escrevi. José Marques da Rocha, José Giacoia, Carlos Caiaffa".

Vale ressaltar que os pais de Olinto tiveram três outros filhos, que morreram vítima de crupe*.

Olinto lembra do desespero de sua mãe ao perder sua única filhinha. Dos outros ele não lembra nada.

Menino, em suas peripécias, Antonio se chocou com uma lata (daquelas antigas de querosene) cheia de água quente. Queimou-se todo, mas, graças a Deus, não restou nenhuma cicatriz ou seqüela, salvo o problema auditivo que o obriga a usar aparelhos.

* Crupe: doença que afligia crianças entre seis meses e três anos, embora possa ocorrer antes ou depois dessa idade. Essa doença consiste em inflamação virótica aguda do trato respiratório superior e inferior, caracterizada por estridor inspiratório, edema subglótico e angústia respiratória, mais pronunciado na inspiração (difteria).
Texto adaptado do disponível em: < http://www.tudoresidenciamedica.hpg.ig.com.br/estudar/mmafeccoesrespiratoriasnacrianca.htm >. Acesso em: 13 jun. 2007.

No ventre de minha mãe

No ventre de minha mãe

No ventre de minha mãe
de repente me encontrei
era 1918/1919 na praça
Guido Marlière de Ubá
no ventre de minha mãe
ouvi o grito do trem
lá longe, depois mais perto
no ventre de minha mãe
havia cantos de pássaros
e vozes muitas ao redor
minha mãe entrava na Igreja
e eu sentia cheiro de incenso
no ventre de minha mãe
surpreendi-me com a existência
da música
no ventre de minha mãe
dois corações batiam juntos
e eu sabia cada vez mais coisas
numa alegria constante
no ventre de minha mãe

descobri o que era o vento
adivinhei a vastidão do espaço
no ventre de minha mãe
vi todo um caminho
preparado por ela
à minha frente.

Antonio Olinto
Especial para "*Brasileiro com alma africana*"

A origem heráldica da família de Olinto

A origem heráldica da família de Olinto

Com base na versão *on-line* do Armorial Lusitano (disponível em: < http://armorial2.no.sapo.pt/ >. Acesso em: 13 jun. 2007) e no Portal de Genealogia Portuguesa (disponível em: < http://genealogia.netopia.pt/home/ >. Acesso em: 13 jun. 2007), seguem os dados acerca do sobrenome do escritor.

Os Marques

Sendo Marques o patronímico de Marcos, são muitas as famílias que usam este nome, hoje apelido, por serem diversas as origens que teve, não somente em Portugal, mas, na Espanha, de onde os Márquez também aqui aportuguesaram o apelido.

António (sic) Marques de Oliveira, cônsul de Antuérpia, concedeu ao Imperador Carlos V, por carta de 24 de Abril de 1545, as seguintes armas: escudo cortado, sendo o primeiro de ouro, uma águia estendida de negro, armada de vermelho, e o segundo de vermelho, uma cidade com sua muralhas e torres ameadas, tudo de prata, sainte de um rio do mesmo. Timbre: a águia do escudo.



Outros Marques usam: de azul, um castelo de prata, flanqueado por duas chaves adossadas de ouro com os palhetões para baixo.

Os Rochas

Afirmam alguns genealogistas que a família deste nome provém de um "Monssu" de la Roche, a quem atribuem diversas nacionalidades e que iria para a Terra Santa, passando por Portugal, teria ajudado D. Afonso III na conquista de Silves, último reduto árabe nos Algarves de aquém-mar. Este monarca lhe fez mercê de Torres Novas e outros lugares. Outros autores dizem que foi para Portugal no reinado de D. João I e dão-lhe três gerações de filhos: Luís da Rocha, D. Gomes da Rocha e D. Raimundo da Rocha, mas, de D. Gomes é que informam provir os de seu apelido. De um ou mais dentre eles podem descender os Rochas portugueses e, conseqüentemente, os brasileiros.



Armas: De prata, uma aspa de vermelho, carregada de cinco vieiras de ouro. O timbre atribuído a estas armas é a aspa do escudo carregada de uma das vieiras ao centro.



O menino Antonio Olinto



Tela de Antonio Olinto.
Nossa Senhora com o rosto de sua mãe.

"Eu te via, mãe,
Quando estavas sentada
Olhando pela janela
Eu brincava
E te via quando encontravas
Gente
Quando arrumavas
Cada coisa na casa".

OLINTO, Antonio. *A mãe e o menino*. *In*: 50 Poemas escolhidos pelo autor. Rio de Janeiro: Ed. Galo Branco, 2004, p. 9

Ubá

Ubá

"Viva Ubá, viva
o mundo
concentrado
na Praça Guido Marlière."

OLINTO, Antonio. As coisas do caminho. In: Ave Zora, Ave Aurora. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Antonio Olinto, 2006, p. 34

Situada a 287 km de Belo Horizonte, Ubá tem 96.689 habitantes (dados estimados/2005). No idioma tupi-guarani, ubá significa "canoa", construída inteiramente de um só lenho ou de uma casca inteiriça de árvore.

É, ainda, conforme Aurélio Buarque de Holanda, "planta herbácea, empregada na confecção de balaios e cestos ou espécie de gramínea; candiubá, cana-brava".

O Município é banhado pelas águas mansas, cristalinas do piscoso rio Ubá, fonte de vida das antigas tribos indígenas como croatas, cropós (coropós), puris etc.

Lamentavelmente, o Rio que dá nome à Cidade é quase inexistente.

O início do povoamento de Ubá se deu em 1767, quando o sertanista Cap. Francisco Pires Farinha chefiou

expedição que tinha por finalidade organizar o aldeamento dos índios na bacia fluvial do rio Pomba.

A expedição chegou às margens do rio Pomba em 25 de dezembro de 1767 e fixou-se no local onde seria erguida a igreja dedicada ao mártir São Manoel.

Aponta-se que, por volta de 1780 a 1790, o Padre Manoel de Jesus Maria chegou ao Rio Ubá, onde viviam os índios coroados, que usavam uma espécie de gramínea, a cana u-uva, para fazer suas flechas. Por evolução lingüistica u-uva tornou-se Ubá. Nessas imediações, Padre Manoel construiu uma capela que, mais tarde, após reconstruída por Antônio Januário Carneiro da Silva, o orago foi mudado para São Januário.

O povoado que, aos poucos, substituiu o aldeamento indígena, surgiu na antiga rua de Trás, atualmente denominada rua Santa Cruz, isto em 3 de novembro de 1815; em 7 de setembro de 1841, recebeu a denominação de "Capela de São Januário de Ubá".

A Lei Provincial nº 854, de 17 de junho de 1853, tornou-a "Vila de São Januário de Ubá", e a Lei nº 806, de 3 de julho de 1857, há 150 anos, deu-lhe a categoria de cidade, com a atual denominação: Ubá.

A Comarca de Ubá foi criada pela Lei Provincial nº 11, de novembro de 1892.

Texto adaptado do disponível em: <http:// pt.wikipedia. org/wiki/Ub%C3%A1>. Acesso em: 13 jun. 2007.



Brasão de Ubá



Igreja Matriz de Piau

"... Lembro-me de minha infância no Piau, Minas Gerais, com a Matriz do Espírito Santo cheia de gente e, terminada a missa, a meia hora de palestra ao sol".

Antonio Olinto, em *Brasileiros na África*

Piau

Piau

"... Caminhou sobre o trilho, quase caiu. Era o que o menino fazia todas as manhãs. Desde que ouvira o pai falar das viagens de trem antigo que fizera, a paisagem verde correndo lá fora, rios e riachos surgindo e sumindo, às vezes acompanhando o trem, apaixonara-se por aquele estranho bicho comprido que fora descobrir num álbum colorido, o mais imponente era a máquina, a 'locomotiva' como estava escrito embaixo da fotografia, o pai descrevia a estação com o nome em cima, apenas quatro letras, 'PIAU'".

OLINTO, Antonio. In: O menino e o trem. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000. p. 129.

Piau é o berço familiar materno de Antonio Olinto e exerce importante influência na sua literatura. Vários de seus livros referenciam Piau. Foi lá que o menino foi batizado. Logo no início de *Os móveis da bailarina* (Rio de Janeiro: Nórdica, 1994, p. 13), lemos: "... Lá fora, estendia-se a única rua, longa de dois quilômetros, sinuosa, do arraial, onde viviam menos de trezentas pessoas, a igreja num alto. O lugar tinha o nome de um peixe, Piau, e existia naquele centro do Brasil, tranquilo e denso, nervoso e tenso".

A cidade foi fundada por parentes maternos do escritor, que fugiam de Ouro Preto, no final do século XVIII, dada suas participações na Inconfidência Mineira; entre eles estava Francisco José da Silva, tio de Tiradentes.

Piau era, então, caracterizado por uma vasta floresta, banhada por um rio que nasce na serra da Mantiqueira. Posteriormente, os novos moradores deram o nome de rio Piau, em virtude da grande quantidade dessa espécie de peixe.

Fixados nas terras, os novos habitantes começaram também as atividades agrícolas, formando o arraial. Logo depois, construíram a primeira capela em homenagem ao Divino Espírito Santo. O povoado passou a se chamar Divino Espírito Santo do Piau. No local da antiga capela, existe hoje a matriz do Divino Espírito Santo, considerada uma das igrejas mais belas da Zona da Mata.

Antonio Olinto narra essa rica História no seu romance *Tempo de Palhaço*, Rio de Janeiro: Nórdica, 1989. Logo no primeiro capítulo, lemos:

> "... pequena Piau, onde nascera e passara a infância e parte da adolescência, o pai achara exagerado alguém dar um pulo de Piau a Paris, o rio lá embaixo, os peixes saltando na linha, a igreja com o Espírito Santo no altar-mor, os namoros no adro, as procissões, a casa em cujo soalho de tábuas largas brincara, engatinhara, dormira, andara, o pai falava na fundação do lugar, nos antepassados que haviam pertencido ao movimento revolucionário de Tiradentes pela independência do Brasil, no fim do século XVIII, mas fora o

avô Marciano que lhe contara, ao longo de muitos anos, detalhes do acontecido..."
(páginas 7/8).



Imagem do Espírito Santo no gabinete de Antonio Olinto

O Distrito, criado no dia 22 de julho de 1868, pertenceu aos Municípios de Ouro Preto, Barbacena, Mar de Espanha, Rio Pomba, Juiz de Fora, São João Nepomuceno e Rio Novo. No dia 12 de dezembro de 1953, Piau foi emancipado, fazendo parte hoje da região do grande Tabuleiro (MG).

Obs.: Parte do texto foi adaptado do disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Piau>. Acesso em: 13 jun. 2007.)

Olinto exibe em seu escritório uma estatueta do Divino Espírito Santo, além de ter título de cidadão piauense.

Santo Antônio

Santo Antônio

Santo Antônio de Pádua, Doutor da Igreja. Fernando Martin de Bulhões y Taviera de Azeve, nasceu a 15 de agosto de 1195, em Lisboa, Portugal, filho de um cavalheiro da corte do Rei Alfonso II, Martinho Bulhões e de Maria Teresa Taveira.

Em 1212, ele tornou-se um membro regular da Ordem de Santo Agostinho e foi educado em Coimbra em 1220.

A chegada das relíquias de cinco mártires franciscanos de Marrocos em 1221, levou o jovem Fernando a entrar para a ordem dos franciscanos.

Então, foi em missão a Marrocos e, ao voltar, foi designado para atender ao Capítulo Geral da Ordem de Assis em 1221. Recebeu o hábito franciscano e o nome religioso de Antônio.

Tornando-se conhecido como um grande pregador, com grande zelo e eloqüência, Santo Antônio viajou pela Itália pela sua Ordem e assumiu varias posições administrativas.

De 1222 a 1224, Santo Antônio pregou contra os catares; de 1224 a 1227 ele confrontou com os hereges albigensianos. O Papa Gregório IX deu-lhe ordem para por de lado todos os seus outros deveres, e continuar a sua pregação.



Santo Antonio “gordo”, pintura de Antonio Olinto

Santo Antônio se fixou em Pádua, reformou a cidade, acabou com a prisão de devedores e ajudou os pobres.

Em 1231, ele sofreu de exaustão e foi se recuperar em Campossanpietro. No seu retorno a Pádua, não agüentou e morreu no convento das “Clarissas Pobres”, em Arcella, em 13 de junho de 1231.

Santo Antônio foi chamado o *Trabalhador Maravilha* pelos seus muitos milagres. Pregava para multidões na chuva e a sua audiência ficava seca a despeito do forte aguaceiro.

É o padroeiro de Pádua, de Lisboa, de Spalado, de Paderborn, de Hil-Desheim, dos casais; é um santo popular para encontrar itens perdidos.

No Brasil é o santo casamenteiro, invocado pelas moças solteiras para encontrar um noivo. O *dia dos namorados* no Brasil é celebrado na véspera de sua festa, ou seja, no dia 12 de junho.

Foi canonizado, em 30 de maio de 1232, pelo Papa Gregório IX em Espoleto (Úmbria), Itália.

Foi indicado Doutor da Igreja, em 16 de janeiro de 1946, por Pio XII, com o título de "*Doutor Evangélico*".

Na arte litúrgica da igreja, ele é mostrado como um franciscano e às vezes com o Menino Jesus.

Texto adaptado do disponível em: < www.cademeusanto.com.br/santo_antonio_de_padua.htm >. Acesso em: 13 jun. 2007.



Antonio Olinto ao lado da escultura feita em papelagem/sucata, por Nica, de Iguabinha (RJ), em sua homenagem. Um santo Antônio com seu rosto, o hábito franciscano, um livro, o menino Jesus e o colarinho do fardão da Academia Brasileira de Letras.



O avô paterno: Prof. Antonio Olyntho Marques da Rocha



Avós maternos: Marciano dos Santos Loures e Amelia Ribeiro Loures

Antonio Olinto

Antonio Olinto

O Município

Antônio Olinto é nome de um município brasileiro, Estado do Paraná. A Colônia Antonio Olinto foi fundada em 1895. Inicialmente, a localidade era conhecida como Água Amarela, São José do Colaço ou Membéca. Nela foram assentados colonos imigrantes rutenos e poloneses vindos da Galícia na Áustria (Halicz, em Polaco).

Criado pela Lei Estadual n° 1.245 de 25 de julho de 1960 e instalado em 24 de outubro de 1961, foi desmembrado da Lapa. Possui uma área de 469,755 km², representando 0,2357 % do Estado, 0,0834 % da região e 0,0055 % de todo o Território brasileiro.

Localiza-se a uma latitude 25°59'09" sul e a uma longitude 50°11'49" oeste, estando a uma altitude de 802 m. Sua população estimada em 2005 era de 7.203 habitantes.

Distância de Curitiba: 134 km

Texto adaptado do disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Olinto>. Acesso em: 13 jun. 2007.

O político

Antônio Olinto dos Santos Pires (* Serro, 15/12/1869 † Belo Horizonte, 25/02/1925) foi um político mineiro, primeiro Presidente de Minas Gerais, após a Proclamação da República no Brasil.

Olinto foi um dos fundadores do Partido Republicano Mineiro, juntamente com João Pinheiro, tendo dirigido também os jornais *Estado de Minas* e *O Movimento*, o qual ajudou a fundar. Formou-se em Engenharia de Minas, em Ouro Preto, onde se destacou, ainda como estudante, nas lutas abolicionistas e republicanas que agitavam o País.

Representou também o povo mineiro como deputado federal (1890-93, 94-96). Assumiu inúmeros cargos públicos, como o Ministério da Viação (15/11/1894 a 20/11/1896, Gov. Prudente de Morais), a Inspetoria de Obras Contra a Seca, em 1907, e a Diretoria Geral dos Telégrafos, em 1909. Professor e escritor, colaborou no Dicionário Histórico e Geográfico do Brasil e deixou trabalhos sobre a seca, a irrigação e as grutas brasileiras, escrevendo *Riquezas Minerais*, no Livro do 4.º Centenário do Brasil.

Texto adaptado do disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki//Ant%C3%B4nio_Olinto_dos_Santos_Pires>. Acesso em: 13 jun. 2007.

Em homenagem ao político Antonio Olinto, existe rua em Belo Horizonte e em várias outras cidades, entre as quais, Sete Lagoas e Curvelo, onde existem avenidas com o nome Antonio Olinto.

Homenagem ao avô

O nome Antonio Olyntho Marques da Rocha foi uma homenagem ao seu avô paterno, professor e jornalista, que foi casado com dona Rita Cesarina Condé da Rocha. Após ficar viúvo, casou-se com dona Eugênia Marques da Rocha, que veio a ser a avó de Antonio Olinto, sendo ela tetraneta do Visconde de Caeté[*], primeiro presidente da Província de Minas Gerais depois da Independência, formado em Coimbra e autor de estudo e de vocabulário sobre o Tupi.

O prof. Antonio Olyntho (avô) teve vários filhos, entre os quais o Mons. Aristides Marques da Rocha que, uma vez nomeado pároco de Caratinga, leva consigo seus pais, fato que é lembrado no romance *Os móveis da bailarina*, publicado em seis idiomas.

Segundo Leonel Fontoura de Oliveira, que pertenceu à Associação Brasileira de Imprensa, Mons. Rocha "é sem favor algum, um benemérito de Caratinga, sempre lutando pelo seu progresso espiritual, nas tribunas sacras e pela imprensa..."

---

[*] **José Teixeira da Fonseca e Vasconcelos**, visconde de Caeté (* 18/10/1767 † 10/02/1838), (título criado por D. Pedro I, por decreto de 12/10/1826), casado com Teresa Maria de Jesus da Mota Teixeira (* 27/08/1802 † 1855). Formou-se em Direito e Medicina na Universidade de Coimbra. Fonseca e Vasconcelos foi um daqueles responsáveis por pressionar o futuro imperador Pedro I do Brasil que no dia 9 de janeiro de 1822, permanecesse no País e não partisse para Portugal, e que ficou conhecido como o Dia do Fico. Foi o primeiro presidente da Província de Minas Gerais e senador do Império do Brasil de 1826 a 1838. É o topônimo da cidade de Caeté (MG), que já se chamou Visconde de Caeté.

Texto adaptado e ampliado do disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Teixeira_da_Fonseca_Vasconcelos>. Acesso em: 13 jun. 2007.

O quinto bispo de Caratinga, Dom José Eugênio Corrêa, afirmou que "Mons. Rocha é uma figura ímpar no clero mineiro. Inteligente e vivo, sempre alegre e animado, devotíssimo de Nossa Senhora do Rosário a quem atribui todo o êxito de sua vida e de suas empresas, Mons. Rocha vence qualquer dificuldade e não se embaraça com problema de espécie alguma. Ele que viu surgir e crescer a cidade de Caratinga e a Diocese, foi sempre por aqui um anjo tutelar. Toda a história da Diocese e de Caratinga se confunde com a história do Mons. Rocha, e hoje será impossível separar uma história da outra". (Caratinga, 1962). Em Caratinga existe uma rua denominada de Antonio Olyntho em homenagem ao avô do nosso Biografado.



Placa indicando o nome da Rua Antonio Olinto (BH)

O Seminário

O Seminário

Quando Antonio Olinto contava oito anos, sua mãe, preocupada com sua formação, foi ao Seminário Diocesano de Campos (Rio de Janeiro), tentar o internato para ele. Olinto não confirma, mas há também uma tradição de que teria sido por conta do acidente com a lata d'água quente que sobre ele caíra, sua mãe teria prometido a Deus que o menino seria padre.

Chegando ao Seminário o Bispo perguntou ao menino:

— Queres ser padre?

Olintinho respondeu:

— Não, quero estudar.

Ainda assim, o Bispo o aceitou, com a exigência de que a mãe providenciasse o enxoval do seminarista, incluindo a habitual batina.

Antonio Olinto fez o curso preparatório e o ensino médio em Campos. Primeiro no Colégio Bittencourt e, posteriormente, no Seminário, que era a casa grande da antiga Usina Santo Antônio, onde hoje funciona um abrigo para idosos.

De Campos, foi para São Paulo e, depois, para o seminário de Belo Horizonte, onde foi colega de seu amigo de toda a vida, Roberto Campos. Olinto chegou a fazer as ordens

menores e se formou em Filosofia e Teologia, preparando-se, por conseguinte, para o diaconato, que não recebeu, pois, desistiu da vida sacerdotal.

No romance *Sangue na floresta* (Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1993), Olinto descreve aspectos de sua vida no Seminário.

O Professor

O Professor

Zora Seljan[*], segunda esposa de Antonio Olinto, afirmava que pode ter sido ele o mais jovem professor do Brasil, pois, aos 14 anos, na última série do seminário, Olinto lecionava para os colegas da primeira série. Era tão pequeno que precisava usar um praticável a fim de que os alunos pudessem vê-lo.

Desistindo do sacerdócio, foi viver com os pais no Rio de Janeiro e lecionou, durante 10 anos, latim, português, história da literatura, francês e inglês em vários estabelecimentos de ensino. Unido às atividades no magistério, Olinto ingressou no setor publicitário e jornalístico.

[*] **Zora Seljan**. Ensaísta, dramaturga, romancista e escritora de ficção científica (* Ouro Preto, MG, 7/12/1918 † Rio de Janeiro, RJ, 25/04/2006, sendo sepultada no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras). Era filha do arqueólogo croata Stevo Seljan, que veio ao Brasil com seu irmão Mirko para explorar a Amazônia e ficou preso no país durante a Segunda Guerra Mundial. Do final dos anos trinta ao início dos anos cinqüenta, Zora foi casada com Rubem Braga (1913-1990), cronista e, na época, correspondente de guerra. Seu segundo marido foi Antonio Olinto, agora imortal da Academia Brasileira de Letras. Com ele, Zora fundou em 1973 *The Brazilian Gazette*, um jornal baseado em Londres. Foi, ainda, colunista e crítica de teatro dos jornais *O Globo*, *O Dia* e de *Diretrizes*. Escreveu, ainda, para a revista Manchete e produziu entrevistas com escritores para o *Jornal de Letras*. Deixou várias obras escritas e estudos sobre a África. Olinto a homenageou com o livro *Ave Zora, ave aurora*, reunindo oitocentos versos em honra de seu grande amor.

Numa sala de aula, conheceu Edy Barcelar de Sá Rêgo, sua aluna e que, mais tarde, se tornou sua primeira mulher, quando se casaram, no Civil, dia 5 de novembro de 1946. Ela, contudo, era evangélica enquanto Olinto, egresso do seminário, era profundamente católico, de modo que este fato fez com que o casamento não durasse.

Olinto já, à época, era envolvido no universo literário carioca e, a partir de 1949, se iniciou n'*O Globo*. Em 1950, foi à Suécia cobrir os 50 anos do Prêmio Nobel; a esposa não quis acompanhá-lo.

No ano seguinte, tentando salvar o casamento, fizeram viagem à Europa, mas, retornando, separaram-se definitivamente.

O Poeta

O Poeta

"... ser poeta é usar palavras macias, alegres e tristes, para exprimir o que gente sente".

Antonio Olinto

Antonio Olinto se iniciou no universo literário por meio da poesia. Em 1949, lançou seu primeiro livro *Presença*, que se seguiu de vários outros.

Antes, em 1945, em plena Segunda Guerra, fundou um grupo que organizou a primeira exposição de poesia no Brasil. O Grupo chamou-se Malraux e a exposição foi inaugurada na Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, no dia 10 de maio de 1945, no dia exato em que o biografado completava 26 anos. Dois dias antes, havia terminado a guerra.

Os poetas que compunham o movimento tinham quase todos a mesma idade. Eram eles, Antonio Fraga, Luciano Maurício, Hélio Justiniano da Rocha, Aladyr Custódio, Ernande Soares e Antonio Olinto, que era também o secretário do grupo, redator do manifesto que serviu de apresentação do catálogo então impresso. Sem participarem do grupo, integraram a mostra de poema: Maria Elvira de Sá Pires, Telmo Jesus Pereira, Paulo Armando e Levy Menezes. O resultado prático do movimento foi a fundação da Livraria Macunaíma, editora com escritório na Rua São José, 11, 1° andar, Rio de Janeiro.

A editora, que tinha como sócios Antonio Fraga, Antonio Olinto e Ernande Soares, lançou vários livros, entre os quais, a novela *Desabrigo* (de Antonio Fraga) que, segundo o biografado, é um alto momento da ficção curta brasileira.

Ao redor do movimento e dele independentes, havia poetas que vinham, nos últimos anos da guerra, fazendo uma poesia diferente. Entre eles estavam Lêdo Ivo, Domingos Carvalho da Silva, Antonio Rangel Bandeira e Bueno de Rivera.

Jornalismo e crítica literária

Jornalismo e crítica literária

Olinto começou a atuar *n'O Globo*, levado pelo primo Edmundo Lys e, antes de criticar literatura, fez um consultório sentimental (com Nélson Rodrigues*, sob o pseudônimo *Malu*), crítica de cinema e coluna social, até assinar a coluna chamada *O Globo nas Letras*, de 1949 a 1954.

Durante mais de 25 anos, fez em *O Globo* uma seção diária chamada *Porta de Livraria*. A maioria dos escritores contemporâneos do Brasil foi criticada por ele. Algumas críticas foram reunidas nos livros *O Diário de André Gide*; *Jornalismo e Literatura*; *Cadernos de Crítica*; *A Verdade e a Ficção*; *A Invenção da Verdade*; *Dois Ensaios* e possui artigos de crítica em quantidade suficiente para outros vinte volumes.

Em *O Globo* promoveu prêmios literários em todos os gêneros, sendo que o Prêmio Nacional Walmap foi o que marcou

* **Nélson Falcão Rodrigues** (* Recife, PE., 23/08/1912 † Rio de Janeiro, 21/12/1980). Considerado o maior dramaturgo brasileiro, Nélson Rodrigues foi, também, jornalista e escritor. Em 1950, Nelson iniciou, juntamente com Antonio Olinto, a publicação da coluna *Consultório sentimental*, n'*O Globo* e, no mesmo período, de *A vida como ela é...* no jornal *Última Hora*, onde também Olinto foi seu companheiro e colaborador. Nélson Rodrigues escreveu 17 outras peças, nove romances e centenas de contos e crônicas.

culturalmente o País. Osvaldo França Júnior, Maria Alice Barroso, Otávio Melo Alvarenga, Paulo Jacob e Ricardo Dicke foram revelados nessa premiação. Escreveu para outros jornais do Brasil e de Portugal e, atualmente, o Imortal faz crítica literária no jornal Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, toda terça-feira, quando assina a quarta capa do Caderno Bis.

Jornalista, foi convidado para o cinqüentenário do Prêmio Nobel (1950), ocasião em que entrevistou William Faulkner, Bertrand Russell e Per Lagerkvist. Nessa mesma viagem, fez conferências nas Universidades de Estocolmo e Uppsala.

Esteve nos Estados Unidos (1952), onde entrevistou celebridades, entre elas Marilyn Monroe e, a convite do Departamento de Estado dos Estados Unidos, percorreu 36 Estados daquele País, fazendo conferências sobre a cultura brasileira.

Conferencista e apresentador

Conferencista e apresentador

Os primeiros programas televisivos no Brasil voltados para a Literatura foram dirigidos e apresentados por Antonio Olinto, primeiro, na TV Tupi, e, em seguida, nas TV's Continental e Rio.

Fez conferência sobre cultura brasileira em universidades de Tóquio, Seul, Sidney, Luanda, Maputo, Dacar, Lomé, Porto Novo, Lagos, Ifé, Warri, Abidjan, Tanger, Arzila, Buenos Aires, Lisboa, Coimbra, Porto, Madri, Santiago, Barcelona, Lyon, Paris, Marselha, Milão, Pádua, Veneza, Bérgamo, Florença, Roma, Belgrado, Zagreb, Bucareste, Sófia, Varsóvia, Cracóvia, Moscou, Estocolmo, Copenhague, Aarhus, Londres, Manchester, Liverpool, Colchester, Newcastle, Edimburgo, Glasgov, St. Andrews, Oxford, Cambridge, Bristol, Dublin.



Antonio Olinto na abertura da exposição África: a arte do tempo, com peças de sua coleção particular no SESC-Rio (15/10/2007)

Zora

Zora

"... e eis que a palavra exige
uma história de amor
de Antonio achando Zora
de Zora encontrando Antonio
e as palavras saltam
no afã de apanhar os dois
ainda na inocência
de uma proximidade inicial
como tantas outras".

Antonio Olinto

Em 1955, com 35 anos de idade, o autor se separou da primeira mulher. Freqüentador das rodas literárias cariocas, às quais se incluía por sua atuação como escritor e crítico literário, foi convidado a ir a uma festa de escritores, por seu amigo José Condé, pernambucano de Caruaru, radicado no Rio, colega no jornal *O Globo*, num sábado, na casa de Zora Seljan. Ela, aos sábados, reunia escritores na casa dela, em Copacabana. Olinto aceitou o convite. E para lá foi na companhia de Condé.

Na festa via-se a presença de muitos jornalistas de esquerda e Olinto era do *O Globo*, um jornal tido como reacionário. Quando entrou na festa, viu uma porção de jovens esquerdistas olharem para ele meio espantados. Naquele tempo, um repórter do *O Globo* não ia a uma festa de esquerda. Não ficava bem.

Zora, porém, o tratou muito bem e, dada a mesquinhez dos colegas com o convidado, ela colocou uma música no toca-discos e tirou Antonio Olinto para dançar, porque ela não admitia que na casa dela um hóspede fosse maltratado. Começou aí.

Olinto já a conhecia, pois, dez anos antes, em 1945, ele estava no *Vermelhinho*, que era ponto de encontro dos poetas, dos boêmios. Segundo Olinto, alguns nem eram tão boêmios, como o Jorge de Lima, o Carlos Drummond de Andrade. Ele próprio ia lá para conversar com os poetas.

De inopino, um amigo pintor que ali estava acenou para uma moça que passou do outro lado da rua e a moça sacudiu o braço. Curioso, Olinto perguntou-lhe: quem é?

Ele respondeu: é Zora Braga. Porque ela havia sido casada com Rubem Braga[*]. Olhou, viu aquela moça, ela deu uma volta, a saia dela rodou também, achou aquilo bonito. E ela dobrou a esquina. Nunca mais se viram. Até que veio o convite de Condé para ir à casa dela.

---

[*] Rubem Braga (* Cachoeiro de Itapemirim, ES, 12/01/1913 † Rio de Janeiro, RJ, 19/12/1990). Iniciou a faculdade de Direito no Rio de Janeiro, formando-se em Belo Horizonte (MG), em 1932, depois de ter participado, como repórter dos Diários Associados, da cobertura da Revolução Constitucionalista, em Minas Gerais. Na capital mineira se casou, em 1936, com Zora Seljan Braga, mãe de seu único filho Roberto Braga. Foi correspondente de guerra do Diário Carioca na Itália, onde escreveu o livro Com a FEB na Itália, em 1945. De volta ao Brasil, morou em Recife, Porto Alegre e São Paulo, antes de se estabelecer definitivamente no Rio de Janeiro. Sua vida no Brasil, no Estado Novo, não foi mais fácil do que a dos tempos de guerra. Foi preso algumas vezes, e em diversas ocasiões andou se escondendo da repressão. Com Fernando Sabino e Otto Lara Resende, Rubem Braga fundou, em 1968, a editora Sabiá, responsável pelo lançamento no Brasil de escritores como Gabriel Garcia Márquez, Pablo Neruda e Jorge Luis Borges. (Texto adaptado do disponível em: < http://www.releituras. com/rubembraga_bio.asp >. Acesso em: 13 jun. 2007.)

Após aquele dia, marcaram um encontro na praia, no domingo. A praia de Copacana, naquela época, explica Olinto, era o local onde se namorava. Os dois estavam separados, ambos só haviam casado no civil e procuraram Dom Hélder Câmara*. Olinto,

* Um dos mais respeitados religiosos brasileiros, **Dom Hélder Pessoa Câmara** (* Fortaleza, CE, 7/02/1909 † Olinda, PE, 27/08/1999), "aos quatorze entrou no Seminário da Prainha de São José, em Fortaleza, onde fez os cursos preparatórios, e depois cursou filosofia e teologia. Durante os estudos sempre demonstrou desenvoltura nos debates filosóficos e teológicos. No dia 15 de agosto de 1931, o seminarista Hélder, foi ordenado sacerdote, por especial autorização da Santa Sé, em virtude de ainda não ter completado a idade mínima exigida para ordenação, que era a de 24 anos. Sua primeira missa foi celebrada no dia seguinte a sua ordenação aos 22 anos de idade. Em seguida foi nomeado diretor do Departamento de Educação do Estado do Ceará, cargo que exerceu por cinco anos. Depois foi transferido para o Rio de Janeiro, onde morou e trabalhou por 28 anos. Colaborou com revistas católicas, organizou o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, exerceu funções na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro e no Conselho Nacional de Educação, fundou a Cruzada São Sebastião, para atender favelados e o Banco da Providência, destinado a ajudar famílias pobres. A 20 de abril de 1952, foi eleito Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. No período em que permaneceu lá, exerceu o cargo de Secretário Geral da CNBB, implantou os ideais da Organização, promovendo interação entre os bispos do Brasil, participou de congressos para atualização e adaptação da Igreja Católica aos tempos modernos, sobretudo integrando a Igreja na luta em defesa da justiça e cidadania. Aos 55 anos, Dom Hélder Câmara, foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese, em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante vinte anos. Na época em que tomou posse como Arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este, que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticado pelos militares. Desempenhou inúmeras funções, principalmente em Organizações não Governamentais, movimentos estudantis e operários, ligas comunitárias contra a fome e a miséria. Dom Hélder escreveu diversos livros que foram traduzidos em vários idiomas, entre os quais, japonês, inglês, alemão, francês, espanhol, italiano, norueguês, sueco, dinamarquês, holandês, finlandês. Recebeu cerca de seiscentas condecorações, entre placas, diplomas, medalhas, certificados, troféus e comendas. Foi orador de massas no Brasil e no exterior, onde expressou, com densidade e força, seus ideais, posicionamentos, questionamentos religiosos, políticos e sociais. Foi distinguido com 32 títulos de Doutor Honoris Causa, vinte e quatro prêmios dos mais diversos órgãos internacionais. Diversas cidades brasileiras concederam-lhe cerca de 30 títulos de cidadão honorário". Disponível em: < http://www.fundaj.gov.br >. Acesso em: 13 jun. 2007.

a exemplo de tantos intelectuais, era amigo de Dom Hélder, e confidenciou ao Bispo que queria se casar no religioso, pois não havia casado ainda porque sua primeira mulher era protestante. E Zora também não havia se casado porque o ex-marido não quis. Ele disse que não era bom fazer uma cerimônia muito pública não.

Então, era melhor que o casamento fosse realizado em Niterói. No dia 2 de setembro de 1955, Zora e Olinto foram de barco a Niterói. Ali o bispo diocesano, Dom Carlos Gouvêa Coelho, responsável pela instalação da Arquidiocese de Niterói (futuramente), os casou. A partir de então, os dois trabalharam juntos em atividades culturais e literárias.

O primeiro casamento de Zora

Um adendo que é necessário ser feito é sobre o casamento de Zora com Rubem Braga, realizado em 1936. Zora é a mãe do único filho de Rubem, Roberto. Separaram-se após a Guerra, no final dos anos 1940, e essa separação guarda fatos curiosos.

O primeiro fato relatado é o da prisão de Zora e do filhinho Roberto, de apenas seis meses, em 1938, durante a ditadura do Estado Novo, por força de sua militância política. Consta que Rubem Braga nada teria feito para tirar Zora e o filho da prisão. Ao ser informado de que mãe e filho estavam presos, o jovem advogado Evandro Lins e Silva* ficou indignado, foi à prisão e

* **Evandro Cavalcanti Lins e Silva**. Jurista, intelectual e professor universitário brasileiro. (* Parnaíba, PI, 18/01/1912 † Rio de Janeiro, 17/12/2002). Formou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, hoje Faculdade Nacional de Direito, a 19 de novembro de 1932, em turma que teve como paraninfo o Professor Afrânio Peixoto. Como estudante, e, depois, já advogado, trabalhou em diversos

"não arredou pé enquanto não obteve sua soltura", é o que afirma nosso biografado.

O casamento terminaria durante viagem à Europa, no pós-guerra, quando Braga conheceu uma atriz que se tornaria famosa e respeitada. Apaixonou-se por ela e após alguns meses namorando, embora que ambos fossem casados, ela disse a Rubem que retornaria para o Brasil. Sem que ela o soubesse Braga conseguiu vir no mesmo navio, deixando Zora em Paris. O filho Roberto tinha ficado sob os cuidados da família de Braga. Zora ficou por algum tempo na Europa e escreveu seu primeiro livro com base nessa experiência: *Eu vi as democracias populares*.

---

jornais. Nos anos 1940 casou-se com Maria Luisa Konder (dona Musa), falecida em 1984. Na advocacia, especializou-se em matéria penal e desenvolveu intensa atividade profissional até o ano de 1961, no Tribunal do Júri, nos juizados criminais, nos tribunais superiores e no Supremo Tribunal Federal e também no setor cível. Atuou, ainda, em inúmeros processos de grande repercussão, inclusive em matéria política, perante o Tribunal de Segurança Nacional e a Justiça Militar. Correspondente da ONU no Brasil para matéria penal e penitenciária, foi Procurador Geral da República, de setembro de 1961 a janeiro de 1963. Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, de janeiro a junho de 1963 e nomeado Ministro das Relações Exteriores, de junho a setembro de 1963. Ministro do Supremo Tribunal Federal com exercício de setembro de 1963 a janeiro de 1969, quando teve aposentadoria decretada pelo Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. Autor de numerosos trabalhos de Direito Penal e Processual Penal, escreveu os livros *A Defesa tem a Palavra*, *Arca de Guardados* e *O Salão dos Passos Perdidos*. Depois de aposentado, voltou à advocacia, tendo patrocinado causas no Tribunal do Júri e nos Tribunais Superiores, inclusive o processo de Impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, na qualidade de advogado dos presidentes Barbosa Lima Sobrinho e Marcelo Lavenére Machado, da Associação Brasileira de Imprensa e da Ordem dos Advogados do Brasil, respectivamente, defendendo com majestade os interesses do País. Foi o quinto ocupante da Cadeira 1 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 16 de abril de 1998, na sucessão de Bernardo Élis e empossado no dia 11 de agosto de 1998. É, reconhecidamente, um dos maiores advogados brasileiros. Texto baseado na biografia do imortal no site da Academia Brasileira de Letras (Disponível em: < http://www.academia.org.br >. Acesso em: 13 jun. 2007.)

A irmã de Zora, Aracy, depois, Moema Seljan ou Momi, era secretária de Rubem Braga e permaneceu trabalhando com ele. Consta que teria sido Momi que deu a informação de que Zora se casaria com Antonio Olinto, o que ensejou uma frase folclórica que nem o Rubem nem a Momi confirmaram.

Rubem Braga jamais teria dito a frase: "Ela pode ter melhorado de marido, mas de estilo, nem tanto". A Momi, que deu a informação a Braga, disse que ele não retrucou. Apenas disse que ela merecia ser feliz. Ele próprio se dizia admirador da literatura de Antonio Olinto.

Braga não mais casou, mas manteve sua amizade à atriz por quem se apaixonou e ela dele cuidou nos últimos anos de sua vida.

Voltando ao nosso biografado, quando Antonio Olinto foi crítico literário de *O Globo*, Zora Seljan assinava a crítica de teatro no mesmo jornal, sendo que às vezes as duas colunas saíam lado a lado na página.



Antonio Olinto e Zora Seljan

O Político

O Político

Antonio Olinto foi, por duas vezes, candidato a deputado estadual. A primeira, por Minas Gerais, na lista de candidatos de Benedicto Valadares*, o mesmo que iniciou Juscelino Kubitschek na política. Olinto foi assessor de Valadares que incentivou sua candidatura que não logrou êxito.

A segunda vez foi pelo então Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, capital federal, mas, também não foi eleito.

Na última campanha, Olinto criou bibliotecas em clubes e associações de bairros. Diga-se, de passagem, campanha que ainda faz sem qualquer interesse político-partidário.

* **Benedicto Valadares Ribeiro.** Político brasileiro. (* Pará de Minas, MG, 4/12/1892 † Rio de Janeiro, 2/03/1973). Teve grande importância na política brasileira. Foi vereador de Pará de Minas, sendo eleito mais tarde governador de Minas Gerais (1933-1945). Na Revolução de 1932, conheceu o médico Juscelino Kubitschek, de quem ficou amigo, o que justifica sua importância nos anos JK. Juscelino exerceu a chefia da Casa Civil no governo Valadares, em Minas, assim ingressando na política. Foi deputado federal (1946-1950) e senador (1954-1962). Em sua homenagem foi batizada a cidade mineira de Governador Valadares. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Benedito_Valadares>. Acesso em: 13 jun. 2007.



Posse de Antonio Olinto em cargo no Ministério dos Transportes

Revista *Brasil Constrói*

Revista *Brasil Constrói*

Em setembro de 1954, o presidente Café Filho convidou Antonio Olinto para assumir a direção do Serviço de Documentação do então Ministério da Viação e Obras Públicas, o Rio de Janeiro era a capital federal.

Ressalte-se que cargo correspondente foi ocupado por Machado de Assis, cuja foto foi afixada, por iniciativa de Olinto, na biblioteca daquele Ministério.

Nessa diretoria, o hoje imortal deu um aspecto literário, lançando a *Coleção Mauá*, de livros técnicos, promovendo exposições de pintura dedicadas a obras que privilegiassem ferrovias, estradas e os caminhos do mar – Salão do Automóvel, Salão Ferroviário, Salão da Estrada, Salão do Mar – e dirigiu a revista *Brasil Constrói*, redigida em quatro idiomas. Data dessa época o lançamento de mais de trinta concursos literários ligados a livros. O titular do Ministério era Mario Andreazza[*].

[*] **Mario David Andreazza**. Ministro dos Transportes nos governos Costa e Silva e Emílio Médici, tendo sido o idealizador e também responsável pela construção da Ponte Rio-Nitéroi, cujo decreto autorizando o projeto de construção foi assinado por Costa e Silva em 23 de agosto de 1968. A obra teve início simbólico, em 9 de novembro de 1968, com a presença da Rainha da Grã-Bretanha, Elizabeth II e de Sua Alteza Real, o Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, ao lado de Andreazza. O

Neste período e no em que participou do Grupo Malraux o biografado editou várias obras, sendo, inclusive, uma de Benedicto Valadares, que o indicou candidato a deputado estadual por Minas Gerais, reduto político de Valadares e Estado de nascimento dos dois.

ministro foi, ainda, responsável por obras como a Transamazônica, a BR-101, ligando o norte ao sul do País, entre outras. Foi, também, ministro do Interior no governo João Baptista Figueiredo, ocasião em que promoveu programas habitacionais que erradicaram as palafitas, por exemplo, das favelas da Maré, no Rio de Janeiro, e dos Alagados, em Salvador. Seus biógrafos o definem como muito simpático, "havia nele algo do desenvolvimentismo de Juscelino". Chegou a sonhar com a presidência da República. Morreu ainda relativamente jovem, de câncer, em São Paulo (1988).

Texto adaptado dos disponíveis em: < http://diariodorio.com/category/pont e-rio-niteroi/ > e <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp 211120019993.htm>. Acesso em: 13 jun. 2007.

O Diplomata

O Diplomata

No rápido governo de Jânio Quadros*, Antonio Olinto foi convidado pelo Presidente para ser o primeiro Embaixador do Brasil em Nigéria, embaixada criada em agosto de 1961, mesmo mês em que, no dia 25, Jânio submeteu sua renúncia ao mandato presidencial que foi prontamente aceita pelo Congresso Nacional.

* **Jânio da Silva Quadros**. Responsável pelo décimo sétimo período de Governo Republicano (31/1/1961 a 25/8/1961). (* Campo Grande, MS, 25/01/1917 † São Paulo, 16/02/1992). Empossado na Presidência da República aos 44 anos, após eleição direta, quando recebeu 5.626.623 (cinco milhões seiscentos e trinta e seis mil, seiscentos e vinte e três) votos, a maior votação até então jamais obtida no Brasil. Formado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, exerceu o magistério, sendo considerado excelente professor. Tempos depois, lecionou Direito Processual Penal na Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 1947, foi eleito suplente de vereador na cidade de São Paulo, mas com a cassação dos mandatos dos parlamentares do Partido Comunista Brasileiro (por determinação geral do então presidente Eurico Gaspar Dutra), assumiu uma cadeira na Câmara Municipal, desempenhando mandato entre 1948 e 1950. Na seqüência, foi consagrado como o deputado estadual mais votado, com mandato entre 1951 e 1952. Depois, foi eleito prefeito da cidade de São Paulo, exercendo a função em 1953-1954, abandonando o cargo no ano seguinte à posse com o objetivo de concorrer às eleições para governador. Ganhou o pleito por uma pequena margem de votos, de cerca de 1%. Em fins de 1958, para não passar um "tempo ocioso" na política, se candidatou e se elegeu deputado federal pelo Paraná com o maior números de votos, mas não assumiu o mandato. Em lugar disso, preparou sua candidatura à presidência pelo Partido Democrata Cristão com apoio da União Democrática Nacional (UDN). Sua renúncia ao cargo de Presidente colocou o País num período de forte instabilidade política, que ocasionou

Segundo Antonio Olinto, Jânio Quadros entendia que, embora sendo ato unilateral, caberia discussão do Congresso e nesse contexto ele sairia fortalecido, contudo, não houve discussão e a renúncia foi acatada. Olinto conversou pessoalmente com o Presidente na véspera da renúncia, sem saber o que ele iria fazer.

Com a posse do primeiro Gabinete Parlamentarista presidido por Tancredo Neves*, primeiro-ministro, este não

---

o golpe militar de 1964. Em 1982, candidatou-se ao governo de São Paulo pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Perdeu para Franco Montoro, do PMDB, mas em 1985 elegeu-se prefeito de Sao Paulo pelo mesmo partido, derrotando o candidato do governo, o senador Fernando Henrique Cardoso, e o candidato das esquerdas, Eduardo Suplicy. Pode-se dizer que sua vitória foi de certa forma surpreendente. Seu mandato foi até o primeiro dia de 1989. Faleceu em São Paulo no dia 16 de fevereiro de 1992, em estado vegetativo, vítima de três derrames cerebrais.

Texto adaptado dos disponíveis em: <http://www.presidencia.gov.br/info_historicas/galeria_pres/galquadros/galquadros/integrapresidente_view/> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%A2nio_Quadros>. Acesso em: 13 jun. 2007.

* **Tancredo de Almeida Neves** (* São João Del-Rey, 4/03/1910 † São Paulo, 21/04/1985). Formado em Direito, foi Promotor-Público. Em1934, foi eleito vereador e prefeito interino em São João Del-Rey. Em 10 de novembro de 1937 presidia a Câmara Municipal de São João Del-Rey quando Getúlio Vargas, num golpe de Estado, fechou o Poder Legislativo do Brasil. Durante o Estado Novo foi preso duas vezes (1937 e 1939). Com o fim da ditadura, voltou à política, eleito deputado estadual em 1947, deputado federal (1950 e 1953), pelo PSD mineiro. No governo constitucional de Vargas (1951-1954), foi Ministro da Justiça e Negócios Interiores. No governo de Juscelino Kubitschek, foi presidente do Banco do Brasil. Após a renúncia de Jânio Quadros, articulou uma solução de compromisso com a instalação do parlamentarismo (1961), evitando que João Goulart fosse impedido de assumir a Presidência. Foi, portanto, primeiro-ministro, por dez meses. Voltou à Câmara dos Deputados em 1963. Apoiou o Governo de João Goulart até o final. Fez oposição ao regime militar desde seu início e foi um dos fundadores do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em 1978 foi eleito senador, e, a seguir, governador de Minas Gerais, eleito por voto direto em 15/11/1982. Entrou na campanha *Diretas Já!* pela aprovação da emenda Dante de Oliveira que permitia a realização de eleições diretas para presidente, mas o Congresso não a aprovou. Decidiu então

conseguiu aprová-lo em face da recusa do Itamaraty em não aceitar nomeação de embaixadores fora da carreira diplomática.

Tancredo o convida para o cargo de Adido Cultural em Lagos, Nigéria, sendo Olinto o primeiro brasileiro a ocupar o cargo de adido cultural. Em quase três anos de atividade, fez cerca de 120 conferências na África Ocidental, promoveu grande exposição de pintura sobre motivos afro-brasileiros, colaborou em revistas nigerianas, enfronhou-se nos assuntos da nova África independente e, como resultado, escreveu uma trilogia de romances: *A Casa da Água*, *O Rei de Keto* e *Trono de Vidro*, hoje traduzidos para dezenove idiomas (inglês, italiano, francês, polonês, romeno, macedônio, croata, búlgaro, sueco, espanhol, alemão, holandês, ucraniano, japonês, coreano, galego, catalão, húngaro e árabe) e com mais de trinta edições fora do Brasil, sendo relançada com o título *Alma da África*, pela Editora Bertrand Brasil.

Seu livro *Brasileiros na África*, de pesquisa e análise sobre o regresso dos ex-escravos brasileiros ao Continente Africano, tem sido, desde sua publicação em 1964, motivo de teses, seminários e debates. A África é seu grande referencial e a ela nos reportaremos

---

se submeter ao Colégio Eleitoral e venceu o pleito em 15 de janeiro de 1985, por 480 votos contra 180 do então deputado federal Paulo Maluf, do Partido Democrático Social (PDS), sucessor da ARENA. Houve ainda 26 abstenções. Tancredo adoeceu na véspera de sua posse na Presidência, 14/03/1985, doença que o levou à morte no dia 21/04/1985. Embora não tendo tomado posse, a Lei nº 7.465 de 21/04/1986, no artigo 1º, determinou que "o cidadão Tancredo de Almeida Neves, eleito e não empossado, por motivo de seu falecimento, figurará na galeria dos que foram ungidos pela Nação brasileira para a Suprema Magistratura, para todos os efeitos legais".

Texto adaptado dos disponíveis em: <http://www.presidencia.gov.br/info_historicas/galeria_pres/galtancredo/galtancredo/integrapresidente_view//> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tancredo_Neves>. Acesso em: 13 jun. 2007.

especialmente à frente, apontando, inclusive, fatos curiosos acerca desse período.

Entre 1965 e 1967, foi professor visitante na Universidade de Columbia, em Nova York, ministrando curso sobre Ensaística Brasileira. Na mesma ocasião, fez conferências nas Universidades de Yale, Harvard, Howard, Indiana, Palo Alto, UCLA, Louisiana e Miami e, ainda, escreveu uma série de artigos sobre a Escandinávia, o Reino Unido e a França.

Em 1968, foi nomeado Adido Cultural em Londres, onde desenvolveu conferências e um mínimo de cem exposições ao longo de cinco anos. Era embaixador do Brasil seu ex-colega de Seminário, Roberto Campos[*], que, anos mais tarde, foi recebido por Antonio Olinto na ABL[*].

---

[*] **Roberto** de Oliveira **Campos**. Economista, diplomata e professor brasileiro. (* Cuiabá, MT, 17/04/1917 † Rio de Janeiro, RJ, 9/10/2001). Formou-se em Filosofia em 1934 e em Teologia em 1937, nos Seminários Católicos de Guaxupé e Belo Horizonte. Ingressou no Serviço Diplomático Brasileiro em 1939, por concurso. Era casado com Maria **Stella** Tambellini de Oliveira **Campos** e teve três filhos - Sandra, Roberto e Luís Fernando. Mestrado em Economia pela Universidade George Washington, Washington D. C. Estudos de pós-graduação na Universidade de Columbia, Nova York. Deputado Federal pelo PPB - RJ por duas legislaturas (1990 / 1998), após cumprir oito anos de mandato como Senador (1982 / 1990) por Mato Grosso, sua terra natal. Foi embaixador em Washington e em Londres. Participou, ao lado de Eugênio Gudin, do Encontro de Bretton Woods, que criou o Banco Mundial e o FMI - Fundo Monetário Internacional, negociou os créditos internacionais do Brasil no pós-guerra (origem da Companhia Siderúrgica Nacional - Volta Redonda), coordenou as ações econômicas do Plano de Metas do Governo Juscelino Kubitschek e foi ministro do Planejamento e Coordenação Econômica durante o Governo Castelo Branco. Defensor incondicional das liberdades democráticas e da livre iniciativa durante mais de 40 anos, em palestras, conferências, livros e artigos, defendeu a inserção do Brasil no contexto da economia internacional, com base na estabilidade monetária, na redução do tamanho e da influência da máquina administrativa nas atividades produtivas e na modernização das relações entre o Estado e a sociedade. No seu ideário, estiveram as reformas da Constituição, da Previdência Social, fiscal e partidária, além da

Fato curioso deste período é que houve um problema envolvendo um estudante brasileiro na Universidade de Liverpool e o embaixador nomeou o adido cultural para resolver o problema.

---

aceleração do processo de privatização das empresas estatais. Criador do FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço -, da Caderneta de Poupança, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (posteriormente com o apêndice Social) e do Estatuto da Terra, que se adotado na década de 70, teria evitado os conflitos posteriores. Crítico ferrenho do dirigismo estatal, irônico nos comentários sobre as teses e diatribes esquerdizantes e profundo observador das transformações sócio-político-econômicas do mundo, Roberto Campos foi, também, um juiz de si mesmo. Em seu mais comentado livro, A Lanterna na Popa, fez uma auto-avaliação da trajetória como diplomata, economista e parlamentar, descrevendo detalhes da convivência com John Kennedy, Margareth Thatcher, Castelo Branco, Juscelino Kubitschek, João Goulart e Jânio Quadros. Foi o Sétimo ocupante da Cadeira 21, eleito em 23 de setembro de 1999, na sucessão de Dias Gomes e recebido pelo Acadêmico Antonio Olinto em 26 de outubro de 1999. (Disponível em: < http://www.academia.org.br >. Acesso em: 13 jun. 2007.)

[*] Trecho do Discurso de Antonio Olinto: ...*O uso que fazeis da palavra é de estrema sabedoria. Há uma perfeita adequação entre o pensamento que defendeis e o modo como o colocais em vocábulos. Exatamente porque o mais difícil dos estilos é o estilo argumentativo, o que usa elementos da Lógica para dar transparência a um argumento, foi que o aprendizado humanístico do seminário se transformou, em vossa linguagem de escritor, numa arma tão poderosa. Junto com a clareza tomista, vós vos adestrastes na direiteza e simplicidade de Descartes. Durante muitos anos, estivestes presente a debates, acordos, contratos, pactos, na tese de que nenhuma sociedade pode sobreviver sem um contrato, e nem foi por outro motivo que Rousseau acabou por se tornar o homem-chave de todo um movimento que é hoje tá forte como no conturbado final do "Ancien Regime". Nesses contatos e contratos, fostes muitas vezes de extrema severidade, devido à segunda das duas palavras que vos definem: a lucidez e a coerência. A elas eu juntaria outra: a equanimidade. Se tendes o hábito de escolher a Lógica por base, sabeis também que a realidade pode mostrar outra - e oculta - lógica, surgiu Pascal para realçar a importância de "esprit de finesse" em contraposição ao "esprit de géometrie", ou talvez não em oposição, mas em companhia de. Porque revelastes "finesse" em vossos escritos, ao mesmo tempo em que dizeis, neles e nos debates verbais, exatamente o que julgais certo, sem fantasias nem sombras. Vós mesmo vos definis como um "pregador de idéias", imbuído talvez demais da "índole da controvérsia" e sem grande "capacidade de acomodação". Sendo, porém, a controvérsia um elemento eminentemente democratizante, isto vos coloca num spectrum político de invejável tolerância*.

Encontrando Roberto Campos, este o convida para entrar no carro. Campos pede-lhe que relate o caso do estudante. Ocorre que o fato era sigiloso e o motorista da embaixada já havia morado na França, sabia francês, morou na Espanha, então, conhecia o espanhol, brasileiro, sabia português e como morava na Inglaterra há algum tempo, sabia inglês. A solução foi imediata. Tanto Campos quanto Olinto haviam estudado em seminário, então sabiam Latim. O fato foi, portanto, relatado no idioma oficial da Igreja.



Antonio Olinto em Warri (Nigéria), delta do Rio Niger, usando roupa tradicional Itsekiri

A mãe África

A mãe África

"Ave a África amanhecendo
nas margens de seu grande rio,
os tambores recebendo
os toques de cada um
dos deuses enfileirados
na curva das águas soltas"

Antonio Olinto

A atividade do escritor na África fê-lo se apaixonar por aquele continente e sua gente. Antes de Olinto ser nomeado adido na Nigéria, Zora havia escrito a maioria de suas peças de teatro afro-brasileiras, das quais, mais tarde, em Londres, uma delas, *Exu, Cavaleiro da Encruzilhada*, seria levada em inglês por um grupo de atores ingleses e norte-americanos sob a direção de Ray Shell, que participara da produção de Jesus Christ Superstar. Pode-se dizer que Zora apresentou ao biografado a África, pelo menos na teoria. Depois, os dois se encontram com o Continente Africano e fizeram uma revolução.

Na Nigéria, Zora Seljan foi leitora na Universidade de Lagos. De volta da África, Antonio Olinto publicaria um relato de sua missão ali, *Brasileiros na África*, e Zora Seljan lançaria dois livros: *A Educação na Nigéria* e *No Brasil ainda tem gente da minha cor*?

Logo no capítulo intitulado *Começo* de seu livro *Brasileiros na África* (São Paulo: Ed. GRD / Inst. Nac. do Livro, 1980, p. 13), Olinto confessa: "Nem sempre tenho admitido, ao longo de minha caminhada africana, a preeminência do lógico sobre o mágico. Porque nisto me parece jazer a fonte de grande parte dos erros ocidentais para com a África".

Olinto observou em sua experiência africana não só a geografia, mas, também os hábitos e os costumes daquele povo que ele diz ser "... um instintivo. Vive mais no mundo mágico do que no mundo das firmezas lógicas" e, ainda, que "ninguém é tão religioso quanto o africano".

Uma de suas primeiras atividades na Nigéria, conforme já expressamos, foi organizar uma exposição de artistas brasileiros. Essa exposição despertou o interesse do prof. O. Rewane, do Hussey College, de Warri, o lugar da África Ocidental que mais influência recebeu da língua brasileira.

Foi para Warri que muitos dos ex-escravos, recém-libertados ou que conquistaram alforria se dirigiram na longa travessia de volta e, com a cultura adquirida no Brasil, formaram uma elite. Não se consideravam africanos e sim brasileiros, fato que teoricamente é apresentado por Antonio Olinto em *Brasileiros na África* e, romanceada, em *A casa da água*.

Olinto foi a Warri e no Colégio Hussey palestrou para os alunos e fez a exposição de autores brasileiros e, a caminho, passou em Ifé, uma das capitais religiosas da África que, conforme as lendas e tradições, é o "lugar onde o mundo começou".

Foi Antonio Olinto, em sua missão na África, que propôs a inclusão da língua portuguesa na Nigéria, uma vez que as novas

palavras levadas pelos ex-escravos ingressaram no linguajar africano, de modo que há muitas semelhanças lingüísticas. Olinto chegou a falar com o Ministro da Educação da região ocidental nigeriana a este respeito.

Nessa viagem, o poeta se tornou romancista. E fez a mais bela trilogia sobre a África e sua gente, envolvendo a sua Piau (MG) e a África, como o fez em *Os móveis da Bailarina*, onde criou uma ligação entre Piau e Londres.

Ainda em Lagos, em face do entusiasmo dos descendentes de brasileiros em aprender o português, Olinto instituiu um curso de português, com Zora iniciando as aulas.

Em Lagos, funcionavam duas sociedades que agrupavam descendentes de brasileiros, a União Descendentes Brazileiros (sic), fundada em 1919, e a Brazilian Descendents Association, fundada em 1963.

Antonio Olinto e Zora foram associados às duas entidades, numa forma de reconhecimento ao trabalho deles, principalmente, na constituição de um Instituto Cultural Brasil-Nigéria. Na Associação de Descendentes de Brasileiros, o casal recebeu os nomes de Atundá (poderoso senhor dos cavalos) e Adoni (enviada de Deus). No escudo da Associação, lê-se: *Enquanto vivo espero voltar ao Brasil*.

O casal formou a maior coleção particular de estátuas e peças africanas e uma das maiores do mundo, sendo que o mais precioso que consta nesta, são as máscaras "gueledés", usadas por uma sociedade africana que acredita que as bruxas desciam à terra para perturbar as pessoas, mas, que passando a noite dançando e executando suas músicas, em festival anual, usando máscaras

variadas, deixam as bruxas cansadas e estas não interferem no dia-a-dia.

O modo como o biografado adquiriu essas máscaras em si daria, por si só, um romance. Disposto a consegui-las, foi se informando e descobriu que elas eram confeccionadas na cidade de Keto. Para lá se deslocou, encontro com o Padre Thomas Moulero, filho de um babalaô e vigário católico da região, de quem já era amigo desde viagem feita anteriormente ao local.

As máscaras eram confeccionadas por Simplice Ajayi, um artesão na aldeia chamada Idigny. A estrada entre Keto e Idigny era estreita, só dando para ir um carro, um percurso de 30km só dava para fazer em três horas, pois, praticamente não havia estradas.

Chegando lá, encontraram 17 peças. Olinto pediu ao padre para perguntar se o artista poderia dispor destas. Ele disse que sim, pois, no próximo festival, as máscaras não teriam mais validade, pois todos os anos são novas, o que segundo a tradição, confundia as bruxas, pois, se fossem utilizadas as mesmas, elas reconheceriam.

Zora então chama o marido e pergunta: "— Quantas você vai comprar?"

Ele respondeu: "— Todas!"

Ela retrucou: "— Não há espaço no carro".

A réplica de Olinto foi: "— Você nasceu em Ouro Preto; eu em Ubá. Nos conhecemos no Rio, por acaso, nos casamos. Você acha que vou deixar essa preciosidade aqui?"

Então, arrumaram tudo num Fiat e retornaram a Keto, onde ficou o Padre Moulero e prosseguiu viagem para Lagos. Não fosse isso, no Brasil não existiria uma só dessas raridades.

Percebe-se a clara influência desse episódio no romance *O Rei de Keto* (Rio de Janeiro: Nórdica, 1980), muito especialmente na personagem Victor Ajayi "que fazia deuses no quintal de sua casa". Leiamos a página 137:

> "... o silêncio parecia sair da própria máscara que Victor esculpia, mais tarde Abionan veria aquelas mesmas esculturas de Victor usadas numa dança gueledé, era o tempo das bruxas que andavam soltas pelo mundo e tentavam atrapalhar as coisas, tudo podia acontecer, as danças com as máscaras na cabeça iam distrair as bruxas, alegrar-lhes o dia, enquanto isto elas se esqueciam ou desistiam de perturbar homens e mulheres, todos os habitantes de Idigny estavam na praça do mercado vendo as máscaras subindo e descendo no movimento de cada passo da estranha dança..."

Em seu poema "Deus mora no objeto", em *Tempo de Verso* (Rio de Janeiro: Ed. Porta de Livraria, 1992, p. 95), lemos:

> "Vejo o escultor Simplice Ajayi na sua aldeia de Indigny no reino de Keto, arrancando pacientes lascas de seu pedaço de madeira.
> Simplice simplesmente criava Deus.
> Ao criar Deus, criava-se."

Quando encerrou sua atividade em Lagos, mandou as máscaras e as outras peças que possuía no Lloyd para Lisboa e depois para Londres, onde continuou sua missão diplomática, até

voltar para o Brasil e organizá-las em exposição permanente em seu apartamento no Rio de Janeiro.

A ligação de Olinto à África é tão forte que, vindo em visita oficial ao Brasil, o então presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor, quis ser recebido por Antonio Olinto e Zora, o que de fato ocorreu. Com autorização do Itamaraty, em outubro de 1964, o presidente e também poeta Sédar Senghor foi apresentado aos intelectuais cariocas em concorrido jantar. Fato digno de registro é que, estando doente, Cecília Meireles pediu a Olinto que lhe telefonasse quando o presidente chegasse à sua casa, pois queria agradecer-lhe artigo por ele escrito sobre ela. O biografado atendeu ao pedido e dez dias depois ela faleceu.

Finalizando este tópico, voltamos a citar frases de Olinto, quando de sua despedida de Lagos, no dia 8 de março de 1964, no porto de Apapa, subindo para o convés do *General Leclerc*, afirmando que ambos já abrigavam o vírus de uma paixão que não jamais os largaria: "Zora e eu estávamos fisgados, e não o sabíamos... Estávamos arpoados, presos, marcados para o resto da vida. Corria em nosso sangue o vício da África de que ninguém se livra mais"[*].

[*] OLINTO, Antonio. *In*: Brasileiros na África. São Paulo: Ed. GRD / Inst. Nac. do Livro, 1980, p. 229.



Presidente do Senegal, Sédar Senghor conversa com Antonio Olinto e Manuel Bandeira no apartamento do biografado no Rio de Janeiro

O PEN Club

O PEN Club

Antonio Olinto e Zora integraram o PEN Club do Brasil, ajudando a organizar três congressos do PEN Club Internacional no Brasil nos anos de 1959, 1979 e 1992.

Olinto participou ativamente dos eventos promovidos por essa instituição, que lutou durante muitos anos em todo o mundo na defesa de escritores ou presos políticos, a exemplo do africano Nelson Mandela.

O Biografado foi eleito, nos anos 1990, para o cargo de vice-presidente internacional do movimento, tendo por colegas de diretoria escritores consagrados entre os quais, Mário Vargas Llosa e Sédar Senghor.

Fundado no Rio de Janeiro em 1936, o PEN Clube do Brasil é a representação brasileira da Associação Internacional dos Escritores, a maior e a mais antiga organização de escritores do mundo.

Internacionalmente, o PEN foi criado em 1921, no rescaldo da Primeira Guerra, por escritores ingleses e o seu primeiro presidente foi John Galsworthy (inglês), Prêmio Nobel em 1932.

Foram fundadores escritores do porte de Joseph Conrad, George Bernard Shaw e Herbert George Wells, sendo o último, o

inspirador e primeiro relator da Declaração Universal dos Direitos do Homem, criada no seio do PEN, e aprovada na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas no dia 10 de dezembro de 1948.

Com o passar do tempo, o PEN avançou para outros centros na Europa e, entre os escritores que ingressaram, destacam-se Anatole France, Paul Valéry, Thomas Mann, Benedetto Croce e Karel Capek.

Atualmente o PEN é considerado pela UNESCO uma organização "umbrella" na área dos escritores, o que significa que todas as outras organizações terão que coordenar os seus esforços e objetivos com os do PEN Internacional para se beneficiarem dos apoios (que são de vária espécie) da UNESCO na realização de programas culturais.

A sigla PEN, criada pelo famoso escritor inglês Bernard Shaw, é inspirada nos três gêneros literários reunidos na associação: P de poesia, E de ensaio e N de novela, mais amplamente romance no Brasil.

Com 144 representações em 101 países, o PEN reúne-se, em Congresso, uma vez por ano, mas ao longo de cada ano são realizadas inúmeras conferências, encontros e simpósios de características regionais ou temáticas, um pouco por todo o mundo. Centralmente existem no PEN vários comitês, entre eles o dos Escritores na Prisão, o das Mulheres, o da Paz, o dos Direitos Lingüísticos e o das Traduções.

No Brasil, são 160 membros, muitos sendo sócios da Academia Brasileira de Letras, e sua sede está localizada na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Veja texto disponível em: <http://penclube.no.sapo.pt/index.htm>. Acesso em: 13 jun. 2007.



Imortal Austregésilo de Athayde e Antonio Olinto, durante congresso de escritores. Olinto é o atual ocupante da cadeira de Athayde na ABL



A imortal Nélida Piñon ladeada pelos também imortais Antonio Olinto e João Ubaldo Ribeiro

A Academia Brasileira de Letras

A Academia Brasileira de Letras

Conquistando, em 1994, o Prêmio Machado de Assis, oferecido ao conjunto de sua obra pela Academia Brasileira de Letras, Antonio Olinto teve praticamente o caminho aberto rumo à ABL.

O Escritor foi eleito para a cadeira de n° 8 da Academia Brasileira de Letras, no dia 31 de julho de 1997. O patrono dessa cadeira é Cláudio Manuel da Costa; o fundador e primeiro ocupante foi Alberto Oliveira, o segundo ocupante, Oliveira Viana, o terceiro, Austregésilo de Athayde e Olinto sucede Antonio Callado.

Quando exerceu a direção da Comissão de Publicações, da ABL, saíram 24 volumes da Coleção Afrânio Peixoto. Coordenou o seminário Monteiro Lobato: Meio Século Depois (1998) e o ciclo A Língua Portuguesa nos 500 Anos do Brasil (ABL, 1999) e participou do seminário A Língua Portuguesa em Questão (CIEE – São Paulo, 1999) e dos ciclos de conferências sobre Machado de Assis e Rui Barbosa (ABL, 1999).

Recebendo o acadêmico Antonio Olinto, o saudoso imortal Geraldo França de Lima, no dia 14 de setembro de 1997, no emocionante discurso de recepção transcrito neste trabalho, ele

que não mais enxergava, afirmou: "Nada mais procedente do que a aspiração de um autor à auréola acadêmica. Todo aquele que preza a sua obra deseja vê-la aceita pelo voto deste colegiado."

A afirmação de França nos lembra uma conversa de Antonio Olinto com outro acadêmico que perguntou a Olinto se entrar na Academia era a coisa mais importante de sua vida. O Sábio mestre assim respondeu: "para quem aspirou perdoar pecados e consagrar o corpo de Cristo, o que é mais importante?", remetendo aos tempos de seminário em que ansiava ser sacerdote. E o sacerdote é a ligação entre os não ungidos e o sagrado, protagonista do maior mistério da humanidade para o qual há poucas explicações que só a fé conhece. Transformar vinho em sangue sagrado, pão no corpo que alimenta a fé.

Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras

Chego a vós, senhores acadêmicos e meus confrades, em tempos de mudança. Chego a vós no início do segundo centenário da Academia Brasileira de Letras, sou mesmo o primeiro a ter sido eleito e a tomar posse depois das comemorações dos cem anos desta Instituição. Aqui chego no momento em que o Brasil adota o exercício da memória como instrumento da identidade nacional. Existimos porque temos memória, porque a usamos contra o esquecimento. Dizia Antônio Vieira:

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba.

Sabemos, no entanto, que a memória vence o tempo. A memória é o antitempo, o remédio para as fissuras do tempo, e só na memória palpita uma possível imortalidade.

Chego à Academia há três anos do fim do século e do milênio, quando o velho instrumento de Guttenberg penetra em novas dimensões de feitura, sem perder sua instrumentabilidade impressora, sua formatação de superfície lisa sobre a qual se inserem as letras, os símbolos, os números, os desenhos, os traços geométricos. A palavra é a semente de tudo, e ela se imprime na tela, no papel, no couro, na areia de Iperoig. A luz que sobre ela incide é a da vela, a do dia nascendo, a do dia morrendo, a do holofote, a da máquina receptora de imagens. Ganhamos velocidade na reprodução dos textos, o que não deixa de ajudar na sua criação. A memória passou a explodir em rápidas iluminações que em si não superam as de Rimbaud, mas que as levam com mais rapidez a olhos longínquos. A vitória sobre o tempo – transitória como tudo o que dura – influi em nossa avaliação de pessoas e acontecimentos, de ontem e de hoje, talvez até de anteontem e de amanhã.

Mas não há tempo sem espaço. Espaço é tempo medido em linhas tangíveis e concretas, espaço é tempo transformado em corpo. Cuidai que não justaponho os dois conceitos e as duas palavras por simples malabarismo: é que o espaço a que me refiro é o espaço brasileiro, o País em si, na sua largueza física, na sua diversidade, na sua unidade, no seu chão, nas suas águas, na sua fauna, nas suas flores, nos seus frutos e na massa compacta e firme de sua gente. É o espaço brasileiro jungido a um tempo brasileiro, e nessa união existimos, com nossa presença e nossa memória. Nessa união juntam-se verdades do tempo e verdades do espaço.

A memória brasileira palpita principalmente nos cem anos desta Academia. É a memória nua e crua tanto quanto a memória glorificada. A memória do sonho tanto quanto a memória da sombra. Em seus arquivos e na obra de seus membros erguem-se os dois Brasis, o Brasil que sonha e o Brasil que pensa. Há muito descobrimos que precisamos de ambos. Sem o primeiro não conseguimos pensar grande no planejamento da terra em que nossos descendentes viverão. Sem o segundo não saberemos como chegar lá. Estamos, assim, na grande casa em que o ser brasileiro ganha memória do passado e memória do futuro, tanto do futuro provisório como do que esteja contido em cada ato que hoje façamos, nas decisões do momento, no que pensamos, no que escrevemos, no que fazemos.

Temos conosco um Brasil criado por Machado de Assis, que nos previu e entendeu, mais do que isto, nos plasmou e nos fez. Num belo trabalho de pesquisa e criação, nosso companheiro Josué Montello pinçou a memória de Machado, num levantamento analítico a que deu o nome de Memórias Póstumas de Machado de Assis. Qualquer que seja o ângulo em que pensemos Machado, lá estão suas memórias de um Brasil do século XIX, não mais o do tempo do Rei, como informava Manuel Antônio de Almeida, mas o do Imperador e do País independente. Poesia ou prosa, ficção ou registro histórico, análises críticas ou crônicas do dia-a-dia, em todos os gêneros literários em que exerceu denso conhecimento do ser humano e uma compaixão cética pelas suas fraquezas, Machado de Assis mostra, pelas mãos de Josué Montello, a memória de um país que atingia a idade madura.

Chego à Academia Brasileira de Letras com as memórias de Machado de Assis e de todos os que por ela passaram e nela estão. Essa memória coletiva nos empurra para a frente. Percorrerei uma parte da memória desta Casa ao falar de cada um dos brasileiros que pertenceram à minha Cadeira, a de número 8. Vereis que uma faixa de nosso pensamento nela se concentra, do poeta Cláudio Manuel da Costa nos tempos da Inconfidência, passando pelo poeta Alberto de Oliveira, que, nascido no século XIX, viveria até o limiar do Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, pelo pensador social Oliveira Viana, cujo passamento se deu em 1951, pelo jornalista e cronista Austregésilo de Athayde, que dirigiu e mudou esta Casa durante quase 34 anos de sua presidência, e finalmente Antonio Callado, romancista, teatrólogo, jornalista e analista político, de saudosa memória, morto em janeiro último. São mais de duzentos anos de nossa história intelectual e política, vistos através de uma cadeira desta Casa. Mas não é somente ela que nos oferece um panorama, um retrato deste País de língua portuguesa e de múltiplas misturas étnicas e pensamentais. Todas as outras 39 cadeiras têm características parecidas, com os patronos escolhidos desde o mais antigo, Gregório de Matos, nascido em 1623, até o que cessara de existir menos de dois anos antes de fundada a Academia Brasileira de Letras, Raul Pompéia, morto em 1895.

Como se sabe, cada fundador desta Academia escolheu, entre escritores brasileiros mortos, um nome para patrocinar sua cadeira. Era, assim, natural que houvesse uma acentuada afinidade entre o acadêmico e seu patrono. A indicação de Cláudio Manuel da Costa por Alberto de Oliveira surgiu como resultado dessa afinidade, tal era a admiração do segundo pelo primeiro. Ambos

poetas, ligados por um culto à forma, diferente em cada caso, mas semelhante no que representava como reação a modismos anteriores: num, o classicismo europeu, principalmente o gongorismo espanhol - e noutro, o romantismo.

Depois que o movimento arcádico apareceu em 1690, fundado por um grupo de 14 poetas, nos salões que a Rainha Christina da Suécia mantinha em Roma, o arcadismo logo se expandiu pelos países latinos, vindo a chegar a Portugal no século seguinte.

Numa evocação à parte, registre-se que o nosso Antônio Vieira, quando em Roma, esteve e falou no Palácio de Christina, que, depois de haver sido rainha em sua terra, assumira o papel de mecenas na Cidade Eterna.

No momento em que as arcádias se tornaram realidade em Portugal, lá estava Cláudio Manuel da Costa, que, nascido perto de Mariana, Minas Gerais, estudava em Coimbra. A Arcádia fora uma região da Grécia cujos habitantes, em geral pastores, eram hábeis no canto e na flauta. Cláudio Manuel da Costa mergulhou na poética da moda, passou a ver pastores e deuses gregos nas margens do Mondego. Sentia-se infeliz por não poder transplantar para Minas Gerais as imagens daquele "paraíso de inocência e felicidade", tal como fora a Arcádia grega classificada e como os árcades de Portugal viam sua terra. De volta ao Brasil, quisera ser padre, mas não conseguira inscrever-se no seminário de Mariana, aquietando-se em Vila Rica, onde continuou fazendo o que mais sabia e queria fazer: poemas. Melancólicos e líricos, são dele alguns dos melhores sonetos da língua portuguesa. Dirigia-se à natureza, como no seu belo soneto que tem estes quatro versos:

Para cantar de amor tenros cuidados,
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento,
Ouvi pois o meu fúnebre lamento;
Se é que de compaixão sois animados.

Ou no soneto de amor que diz:

Nize? Nize? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira;
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera.

Embora obediente aos cânones arcádicos, procurou o poeta, no poema "Vila Rica", abandonar o espaço pastoril da Europa e mostrar realidades brasileiras como as descrições que faz de um engenho de açúcar e da cata do ouro:

Da mole produção da cana loira
Verdeja algum terreno, outro se doira;

E, logo depois, fala na "ardente fornalha" e nos "brancos torrões", que sofrem "estímulos do fogo". Em outros versos descreve os serviços que o trabalhador nas minas faz nas serras e morros para a extração do ouro e canta a forma:

Com que o sábio mineiro entre o cascalho
Busca o loiro metal.

Partícipe do movimento da Conjuração de Vila Rica, preso, suicidou-se ou foi morto. Qualquer haja sido o modo de seu fim, pode o poeta ser considerado um mártir da nossa Independência, juntamente com Tiradentes.

Alberto de Oliveira viveria em outro tempo. Nasceu quando o Brasil autônomo completava 35 anos. Acentuavam-se as mudanças, mas Alberto de Oliveira atravessou-as todas com um firme propósito: a determinação de ser poeta. Pode-se dizer que ele só teve uma ideologia: a da forma perfeita, a do verso de mármore, independente e puro. Foi, nesse particular, mais parnasiano do que os outros dois líderes da escola, Olavo Bilac e Raimundo Correia. Escolhia a palavra pelo seu peso no verso e por todos os escaninhos sonoros de seu ritmo, quase que numa valorização exclusiva do som puro sobre os significados. Ao entrevistar, em 1950, o poeta Paul Eluard, em Paris, dele ouvi esta definição:

> Poesia é a linguagem que canta.

Isto dito por quem era, após a suposta morte do parnasianismo, revela a permanência, em secretos compartimentos da memória, de técnicas antigas que um escritor pega, às vezes séculos mais tarde, para renovar a expressão literária de seu tempo. Não se duvida haja Alberto de Oliveira atingido um ápice da poética brasileira. Seu soneto "Vaso grego", em estilo diferente, pode ser posto ao lado da famosa ode à urna grega de Keats cujo verso:

> "A thing of beauty is a joy for ever" virou filosofia de vida. Eis o primeiro quarteto de "Vaso grego":

Essa, de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhantes copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Pertencente a uma família de 17 irmãos e irmãs, em que todos faziam poesia, poucos poetas nossos tiveram participação tão viva na literatura de um tempo como Alberto de Oliveira, cujas palavras raras, confirmando sua adesão às normas parnasianas, levavam, e ainda levam, muitos leitores ao dicionário. Usava termos assim: úsnea (líquen, penugem), lisins (veios da pedra), esconsa (inclinada, oblíqua) ou punícea (vermelho, cor de romã).

Como neste verso em que aparecem duas dessas palavras:

O gotear dos lisins de esconsa pedra. É como se tentasse mostrar que o som de uma palavra insinua um pouco do que significa, numa onomatopoética além do signo imediato. E um poeta de outra vertente, Mário de Andrade, em sua "Carta aberta de Oliveira", pôde dizer:

Quando releio "Por amor de uma lágrima", certas páginas do Livro de Ema, aquela sublime "Voz das árvores", a admirável "Sala de baile", bem sei que tenho um poeta junto de mim.

A "Voz das árvores", que Mário de Andrade chama de "sublime", é este poema de amor a Margarida.

Acordo à noite assustado.
Ouço lá fora um lamento...

Quem geme tão tarde? O vento?
Não. É um canto prolongado
- Hino imenso a envolver toda a montanha:
São, em música estranha,
Jamais ouvida,
As árvores, ao luar que nasce e as beija,
Em surdina cantando,
Como um bando
De vozes numa igreja:
Margarida! Margarida!

José Francisco de Oliveira Viana, nascido no ocaso do Império e um de seus livros mais representativos tem precisamente esse título sucedeu a Alberto de Oliveira na Cadeira número 8, numa espécie de homenagem ao seu antecessor. Ambos fluminenses de Saquarema, ao longo dos anos de 1920 e 1930, amigos de Oliveira Viana insistiram em que ele se candidatasse à Academia. Entre eles, o que mais veementemente argumentava em favor dessa candidatura era Alberto de Oliveira. Morto este, decidiu José Francisco inscrever-se na vaga. Sociólogo e pensador político dos mais lúcidos deste País, tinha Oliveira Viana uma postura sacerdotal, visível em tudo o que fazia - no seu estilo de vida, no seu trabalho de escritor, em suas pesquisas, no modo como sentiu e entendeu o Brasil. O autor de Instituições Políticas Brasileiras, cuja formação intelectual se deu em plena República, viu a terra dele, e nossa, como um todo, percebendo, em cada fase do desenvolvimento brasileiro, uma afirmação nativista e um esforço de expansão que levava os colonizadores a esquecer o confinamento ibérico para pensar o novo território em termos de

uma expansão maior. Conseguiram, assim, ir além do limite de Tordesilhas e estabelecer as bases de um país de dimensões continentais, de língua portuguesa, cercado de unidades políticas menores, de língua espanhola - todos, porém, de germe ibérico, romano-visigótico-árabe. Constatou Oliveira Viana que nossa elite se preocupava mais com o estudo minucioso da realidade européia do que com a análise de acontecimentos brasileiros. Cito-o:

> "Ainda somos um dos povos que menos estudam a si mesmos: quase tudo ignoramos em relação à nossa terra, à nossa raça, às nossas tradições, à nossa vida, enfim, como agregado humano independente.
>
> Entre o primeiro pós-guerra de nosso tempo, quando Oliveira Viana escreveu essas palavras, e hoje, muita coisa mudou. Pensamos bem mais brasileiramente do que então, mas, do ponto de vista histórico, ainda não nos demos conta de que a memória vence o tempo. Somos todos testemunhas, em nossos dias, de que uma boa parte da comunidade cultural brasileira desconhece a histórica do nosso Império e, quanto ao século XIX, sabe mais de Disraeli e Gladstone na Inglarerra e das transformações políticas francesas pós-1870 do que sobre os gabinetes Saraiva, Ouro Preto, Zacharias, Sinimbu, no Segundo Império brasileiro. Há também nisso um velho patrulhamento da República e dos republicanos brasileiros contra o Império e tudo o que a ele dissesse respeito.
>
> Quem de fato conhece hoje entre nós a história de nosso parlamentarismo e de que modo influiu ele nas instituições políticas de que dispomos neste final de milênio?

> A análise que Oliveira Viana fez dos partidos políticos de seu tempo não precisa de acréscimos: continuamos no mesmo ponto em que estávamos quando da queda do Gabinete Zacharias em 1868 - isto é, os partidos políticos não eram, como ainda não o são, intérpretes de uma diretriz de governo definida."

A obra-prima de Oliveira Viana é principalmente Populações Meridionais do Brasil, largo panorama de um povo em formação. Alfredo de Taunay classificou-o como "livro de sociologia aplicada à história". Era mesmo na história que Oliveira Viana se apoiava para suas pesquisas, sabedor de que a história é tempo inamovível, mesmo quando morto. Ninguém se mostrou mais nacionalista nesses estudos do que ele. Basta que se atente para o modo como apresentava a evolução de nosso pensamento político e os acontecimentos por ela provocados. Para ele, não existiam séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Havia apenas um tempo, o tempo brasileiro, concentrado no País, com exclusão de tudo o mais. Assim falava em século I para definir o que ocorreu no Brasil entre 1501 e 1600. Os seiscentos seriam o século II. Tinha a opinião de que nosso século mais forte e mais significativo fora o século III, o do ouro, do diamante, do Aleijadinho, o da conjuração mineira, o dos poetas Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, o de Tiradentes. De outro modo não pensou o professor C.R. Boxer, do King's College, da Universidade de Londres, que no excelente livro The Golden Age of Brazil, publicado 40 anos depois do mais conhecido trabalho de Oliveira Viana, chamava esse mesmo período de "Idade do Ouro", no duplo sentido de ter sido o da grande

produção do metal mas também o da importância daquela conjuntura histórica da colônia. O ouro brasileiro enriqueceu setores decisivos da Europa de então e ajudou a financiar a revolução industrial da Inglaterra. O nosso século IV, de Dom João VI, da Independência, dos imperadores e da República, marcaria o começo do exercício de uma autonomia difícil, e foi no seu livro O Ocaso do Império que Oliveira Viana analisou esse período, tendo como lema o que diz no prefácio dessa obra:

> "... há os que historiam factos e os que historiam idéias. Neste livro, eu procuro de preferência historiar idéias."

Seu objetivo era:

> "definir, de maneira precisa, o papel exercido na queda da monarquia pela idéia federativa, pela idéia republicana..."

Agora que terminamos o nosso século V e nos aproximamos de novo milênio que será o século VI brasileiro, essa classificação pode ensinar-nos a adotar uma concentração em nossos problemas, em nossas opções, nossas necessidades absolutas, em nosso povo - por muito que precisemos de referências técnicas, financeiras e/ou ideológicas de fora.

Vale a pena mencionar, no caso de Oliveira Viana, uma característica, talvez mania, sestro, no escrever. Jamais usava a letra "A" para iniciar frase ou parágrafo. Sua boa prosa tinha de achar subterfúgios na colocação dos vocábulos a fim de evitar um "A" inicial. Às vezes mudava de termo ao começar frase ou título, como

O Ocaso do Império em vez de "A Queda do Império". De vez em quando depara-se com um "A" no início e, vai-se ver, é uma transcrição de texto de outro autor.

Com a morte de Oliveira Viana, eleito para sucedê-lo, transformou-se Belarmino Maria Austregésilo de Athayde na figura mais importante da Academia Brasileira de Letras ao longo de mais de três décadas. Escolhido para presidente desta Casa em 1959, manteve-se no cargo até seu passamento, em 13 de setembro de 1993. Nesse período mudou a Casa de Machado de Assis, dando-lhe nova estrutura.

O que é hoje a Academia, sua presença arquitetônica no centro do Rio de Janeiro, a extraordinária ampliação do seu espaço e o conseqüente poderio material do seu patrimônio – tudo isto devemos à capacidade de direção e de administração de Austregésilo de Athayde.

Seu chão foi o jornalismo. Realizou-se na literatura feita para jornal. Por volta de 1951, diante do preconceito - então mais forte que hoje - de que jornalismo era uma forma inferior de escrita, escrevi uma série de artigos que foram, logo depois, colocados num livro chamado Jornalismo e Literatura. Defendi a tese de que jornalismo é literatura, passível de tanta qualidade como qualquer outro gênero literário. O que o distingue de outras formas de escritura é que jornalismo é literatura sob pressão - pressão do tempo e pressão do espaço. Há um tempo definido, intransferível quase sempre, dentro do qual a obra tem de ser entregue, e a matéria deve ocupar um espaço limitado. Essas duas pressões determinam em geral a feitura da obra que, mais do que outras, precisa ser enxuta e concreta. Contudo, a poesia integra também o elenco de

possibilidades jornalísticas, e nisto se destaca o gênero brasileiro por excelência, a crônica de jornal que, de Machado de Assis até hoje, deu um toque especial à nossa literatura. Situou-se nesse terreno a atividade permanente de Austregésilo de Athayde, que escreveu incessantemente no Jornal do Commercio artigos e crônicas, de assuntos vários, no espaço hoje ocupado por Carlos Heitor Cony. Todos os que fazemos ou fizemos jornalismo profissional – no meu caso, assinei uma coluna diária, "Porta de Livraria", durante 25 anos – conhecemos a tensão capaz de nos dominar sempre que temos de escrever artigo ou editorial em cima da hora.

Desde a I Guerra Mundial a palavra de Austregésilo de Athayde analisava lucidamente o Brasil. A palavra e ação. Jornalista e escritor, foi ele, imutavelmente, por mais de 70 anos, o jornalista brasileiro por excelência. Relendo o que escreveu e repensando o que fez, talvez seja melhor chamá-lo de o brasileiro por excelência.

Mencionei a palavra e a ação. É que nele as duas se juntavam. Não só a ação política, mas a de responsável por jornais e pela condução da mais prestigiosa instituição cultural da nossa gente, a Casa de Machado. Exilado por suas idéias, manteve Austregésilo de Athayde uma presença jornalística permanente, de tal modo que o espaço do Jornal do Commercio, em que assinava seus artigos, guarda a visão aberta e clara que tinha de nosso tempo e de nossos problemas.

O destino ou Deus (era ex-seminarista e Deus deve ter destacado um anjo-da-guarda lúcido para o acompanhar), um ou outro, repito, ou os dois, levaram-no à comissão dos direitos humanos da ONU, onde deixou a assinatura brasileira mais importante do nosso tempo.

Sua atividade como repórter colocou-o em contato com homens e acontecimentos em várias partes do mundo. Entrevistou Einstein nos Estados Unidos e quis saber se, depois de haver chegado à teoria da relatividade, ainda acreditava em Deus. Resposta de Albert Einstein:

— Claro. Deus é o absoluto.

Estilo, tinha-o direto e sem enfeites. Como um Stendhal do jornalismo. Não caía, contudo, no abandono total do adjetivo nem adotava a indiferença fria de quem tudo vê de cima. Pois nele preponderava o entusiasmo, no escrever e no pensar. Era entusiasmado no mostrar o que fazemos e por que o fazemos. Num de seus últimos artigos, sobre o livro Carta aos Futuros Analfabetos, do francês Paul Guth, repetia o que foi o tema de toda a sua vida: só a educação pode salvar uma comunidade.

Guardamos dele a lição que nos deixou, de uma incessante luta em favor do avanço brasileiro, na direção de uma sociedade justa e próspera. Torno a dizer aqui a palavra que a ele sempre vi associada: entusiasmo, que vem do grego Theo, "Deus". Ter entusiasmo é "ter Deus em si". Pois Austregésilo de Athayde foi um brasileiro com entusiasmo no entendimento grego da palavra.

Antonio Callado, quarto ocupante da Cadeira número 8, firmou-se, ao longo de mais de cinco décadas, como ponto de referência inconsútil com a própria cultura brasileira. Do jornal passou ao romance e ao teatro, em cada atividade impondo uma severa militância de quem não se eximia de suas responsabilidades para com o próximo e para com seu País. Homem de nosso tempo, sentia-se inteiramente identificado com ele. Quando nasceu, em 1917, o mundo estava em guerra. Era um novo tipo de luta, com

novidades mortíferas. A morte não mais surgia apenas do Sul ou do Norte, do Oeste ou do Leste. Agora vinha também do céu. Pela primeira vez aviões soltavam bombas sobre civis, e estranhos carros de combate, semelhantes a animais antediluvianos revestidos de metal, esmagavam gente, casas, camas, pratos de comida, vasos, brinquedos de crianças.

Toda uma geração, nascida em fins do século XIX, morria nos campos de batalha. Escritores, jovens e não tanto, eram interrompidos em sua prosa ou em sua poesia para empunhar instrumentos de destruição. Na França, Charles Péguy, na Inglaterra, Rupert Brooks - foram alguns dos que não mais pegariam na palavra para exprimir o muitas vezes inexprimível.

Naquele janeiro de 1917, ano conturbado e confuso, que prenunciava tempos difíceis, nascia no Brasil (em Niterói, Estado do Rio), o futuro escritor Antonio Callado, cujo destino seria o de analisar e entender, com um misto de vigor e compaixão, as fraquezas e grandezas de nosso tempo. Para isto existia – e para escrever, sem medo nem remorso. em entrevista que, em 1972, dei a um jornal de Luanda, em Angola, perguntaram-me qual era a missão de quem escreve. Respondi:

— Cabe ao escritor dizer que o rei está nu.

Insisti posteriormente, várias vezes, nessa tese, que é hoje um lugar-comum. A ninguém conheci, como Antonio Callado, no meu tempo de vida, com mais liberdade interior para dizer verdades como essa. Muito cedo se iniciou no jornalismo, setor em que essa liberdade se tornou mais necessária àquilo que podemos chamar de causa pública. O que dele primeiro li – e nunca mais me esqueci – foi uma crônica publicada em seção chamada “Gong”,

no Globo, final dos anos de 1930. Era sobre o filme O Morro dos Ventos Uivantes, na versão de William Wyler, que então alegrava os admiradores de Emily Brontë.

Em 1941, houve a mudança que marcaria a vida de Antonio Callado. Foi então contratado pela BBC de Londres para ali trabalhar. A Europa se achava de novo em guerra, e Londres era a parte do mundo que mais sentia seus efeitos. As qualidades inatas de cavalheirismo, que havia em Antonio Callado, ganharam novo tom na Inglaterra, de onde voltou com o equilíbrio e a tranqüilidade de um gentleman. Jamais abandonou, porém, sua força de lutador.

Depois do volume O Esqueleto da Lagoa Verde, livro de jornalismo puro, sobre o desaparecimento do Coronel Fawcett na Amazônia, publicou um romance, Assunção de Salviano, logo seguido de outro, A Madona de Cedro, que revelavam o alto nível de realização literária que o novo escritor vinha a atingir. A nitidez com que formava seus personagens mostrava que um novo tipo de narrador aparecia na ficção brasileira. Sua preocupação com a justiça levou-o a um interesse no catolicismo de que esse romance é um exemplo maior. O trecho final do livro, de contida e ao mesmo tempo veemente beleza, talvez nos dê a chave do enigma, porque então o que chamamos de interesse de Antonio Callado no catolicismo parece ser uma, até certo ponto, apaixonada curiosidade pelo fenômeno religioso em geral (como o que, no campo da História, revela Toynbee). Quando o personagem de nome Delfino sai pelas ruas de Congonhas do Campo carregando a grande cruz de madeira de Feliciano Mendes, é o Calvário que o romancista encena. Misturando as trivialidades de uma cidade pequena - com

as zombarias dos garotos, os pontos de referência das casas comerciais e de pessoas nas esquinas -, é a via-crúcis que um homem do século XX segue ali. E, sem insistir muito no fato, Antonio Callado faz sua personagem sofrer três quedas sob a cruz. Numa delas, é o jornalista, que tentara entrevistar o homem da cruz, quem o ajuda a se erguer. Poucos romances brasileiros atingiram tal beleza no seu clímax. O simbólico e o cotidiano se unem, nesse final do livro, de tal maneira, e com tão intensa emoção, que, como em toda boa história, os acontecimentos parecem ter convergido para aquele momento, os fatos anteriores - e foram muitos - como que existiram apenas para criar aquele caminho de um Gólgota mineiro.

O futuro criador de Nando pertencia, porém, a outra luta, a luta pela justiça. Justiça política, justiça social, justiça tout court. Acima de tudo, justiça imediata. Sua peça mais importante, Pedro Mico, seria escrita no mesmo ano de A Madona de Cedro, em 1957, quando Callado chegava aos 40 anos, isto é, à metade exata de seu tempo de vida. Seguiu-se um tempo de jornalismo para, já depois do movimento de 1964 e da perseguição das forças e homens no poder contra a obra e a pessoa de Callado, surgir o romance que o tornou conhecido além-fronteiras, Quarup.

Quarup invade a literatura brasileira com um vigor e uma violência que nela raramente havíamos tido antes. Força da natureza, tornado, tempestade furiosa, coisa indomada, Quarup, lançado em 1967 - pouco mais de um século depois de Iracema - que é de 1865 -, recolheu o indígena brasileiro, romantizado no Segundo Império, e deixou-o vestido com suas tradições nuas, presença indestrutível em nossa cultura. Pegado a uma visão total do Brasil,

apanha-o Antonio Callado numa hora de crise, num momento heróico e de luta em que nossa gente se dividia perante o autoritarismo que nos era imposto, alguns achando a situação transitória, outros opinando que, sem luta, essa transitoriedade poderia tornar-se permanente, pelo menos tão permanente ao ponto de engolir duas ou mais gerações. Sabe-se hoje que o romance Quarup foi um dos mais contundentes instrumentos dessa oposição. Nele havia também, contudo, ou pour cause, o traço de misticismo que despontara em Assunção de Salviano e A Madona de Cedro. O personagem principal do romance não apenas é um padre católico, imerso no combate ao arbítrio, mas também interessado em discussões maiores sobre a vida religiosa, como a de possível crença matriarcal numa verdadeira matriologia, uma preeminência mariana sobre qualquer outra figura do calendário hagiológico da Igreja Católica, na certeza de que Maria, a Virgem, não é superada sequer pela divindade. Trechos de Antônio Vieira aparecem nas discussões sobre o assunto, quando personagens citam palavras do pregador a respeito.

Não se tenha, por isso, a idéia de que Antonio Callado haja escrito, em Quarup, um tratado teológico. O romance apresenta, na verdade, um estilo revolucionário, de que o indígena brasileiro faz parte, junto com uma classe média intelectual que, a exemplo de seu equivalente em outros países da América Latina, resolve intervir na composição dos quadros decisórios de cada um. Sob esse aspecto, em Quarup, o Brasil se levanta, de corpo inteiro, para julgar e enfrentar uma perigosa ameaça à liberdade.

Cassado em 1969, lança o romancista, dois anos depois, o romance Bar Dom Juan, em que a geração dele, e minha, fala pelo

Brasil. Outras narrativas se acrescentariam à sua obra - Sempreviva, A Expedição Montaigne, Concerto Carioca, além de um policial, Memórias de Alberham House, em que, num regresso ao passado, usa Londres como espaço da história. Achava Callado que seu melhor livro era o que veio a publicar em 1976, Reflexos do Baile. Com ele concordo, principalmente por causa da linha poética e do estilo novo com que analisa um tempo e seus desencontros. É romance de uma perfeita estrutura ficcional, que deverá ser mais agudamente compreendido no decorrer do século VI da nossa era particular. Dos menos citados dos livros de Callado, Retrato de Portinari é uma obra singular. Panegírico diferente, nela a figura do nosso grande pintor assume o aspecto, correto e concreto, do artista que vive para cumprir sua missão de pintar e, através dela, contribuir para, como diria Teilhard de Chardin, hominizar o homem. A escolha de Portinari para escrever sua única biografia revela o temperamento de um escritor em sua afinidade com um mestre da pintura que dizia:

> O artista é um homem diferente dos demais, pois retém a visão de uma criança.

Esta era também a visão de Antonio Callado, e sabemos que é na infância que sentimos com mais veemência a falta de justiça – e com mais barulho lutamos contra ela. Acima de tudo, é com os olhos da criança que percebemos a nudez do rei.

Formou Antonio Callado, com Ana Arruda Callado, um casal de escritores, dos muitos que temos tido na literatura brasileira,

de Raimundo Magalhães Júnior e Lúcia Benedetti a Jorge Amado e Zélia Gattai.

Chego à Academia numa data que faz parte da minha memória pessoal. Pois há 42 anos – em 12 de setembro de 1955 – conheci Zora, Zora Seljan, que se tornou minha mulher. Antigo ditado popular parece ter recebido o acréscimo de uma palavra ultimamente. Este: atrás de todo homem realizado há sempre uma grande mulher. Agora a frase é: atrás de todo homem realizado há sempre uma grande mulher – exausta. Creio que, nesse particular, nossas tarefas foram sempre levadas a efeito com alegria, e a dois. Num dos nossos aniversários de casamento, um grupo de amigos promoveu jantar ao fim do qual muitos fizeram discursos, em geral curtos. O de Zora foi curtíssimo. Disse:

Muito obrigada, Antonio Olinto, por me ter feito rir durante 40 anos.

Tempos de mudança eram aqueles em que a geração a que pertenço começou a escrever e a dizer ao que vinha. Chamaram-na de "geração 45". Exatamente em 1945, fundamos - Antonio Fraga e eu, com Luciano Maurício, Ernande Soares, Aldyr Custódio, Hélio Justiniano da Rocha e a participação de Levy Meneses, Paulo Armando e Maria Elvira Pires de Sá - um Grupo Malraux, que montou, no Rio de Janeiro, em 10 de maio daquele ano, uma exposição de poesia. Veja-se a data: dois dias após o fim da guerra na Europa. André Malraux significava, para nós, o equilíbrio entre a meditação e a ação. Terminava também naquele ano o ciclo Getúlio Vargas, iniciado em 1930 e institucionalizado a partir de 1937.

O desejo de unir a ação à meditação pode ter sido a marca de nosso tempo. Possivelmente a marca de 1945. O mesmo desejo

pode ter-me conduzido à África, onde se acha uma das matrizes da alma brasileira.

Para escrever meu livro mais recente, Alcacer-Kibir, fiz extensas pesquisas, inclusive na crônica "Jornada del-rei Dom Sebastião à África", na qual encontrei diálogo entre o rei e Dom Álvaro da Silva, Conde de Port'Alegre. Tentava este dissuadir Dom Sebastião de invadir a África e pôr em perigo a segurança de Portugal. Indignado, o rei exclamou:

— Que coisa sois os homens?

Ao que Dom Álvaro retrucou:

— Sabe Vossa Majestade que coisa são os homens? É que não há rei sem eles.

Há momentos em que precisamos perguntar: que coisa somos os brasileiros?

Antes de tudo, somos uma cultura mista. Com isso, quero dizer que somos uma cultura internacionalizada. Nossa raiz-mater, Portugal, deu-nos uma linguagem e uma linhagem. O segundo elemento constitutivo da cultura brasileira, o indígena, legou-nos aquilo que Lévi-Strauss chama de "pensamento selvagem". Pensamos selvagemente. O pensamento selvagem pensa diferente. O pensamento selvagem é. O pensamento selvagem esfacela a dicotomia sujeito-objeto. A mente que pensa, diante do objeto pensado, transforma-se naquilo que pensa, passa imediatamente a ser a mesa, o rio, a mandioca, a flauta, a dança.

O africano, parte integrante da cultura brasileira, está conosco, geograficamente, há milhões de anos. Pois há milhões de anos, antes da separação dos continentes, a parte saliente do hoje Brasil vivia encravada na reentrância da África Ocidental de agora.

Somos, assim, Brasil e África, por diferenças que possam existir nas características de raça, hábitos, ritmo de desenvolvimento, na história e nas instituições de cada parte separada - somos assim, repita-se, o mesmo chão, pertencemos a húmus de calor idêntico: a África é a outra face geográfica do Brasil.

Quando lá moramos, Zora e eu, nas andanças que empreendemos – pesquisando, fazendo conferências, encontrando gente –, se nos interessava identificar algumas raízes africanas do Brasil, acabamos por também achar raízes brasileiras na África. A partir de Lagos, capital da Nigéria, onde estivemos de 1962 a 1964, foi fácil verificar a influência brasileira numa série de aspectos, como a arquitetura, a religião, a língua, a alimentação, as festas, o folclore.

O grande espanto que a Nigéria e o Benin provocam no brasileiro é a existência, em Lagos e em Porto Novo, de bumbas-meu-boi, estruturados e amados por grande número de descendentes de ex-escravos brasileiros. Ainda hoje há um grito de guerra em ruas de Lagos quando o bumba-meu-boi sai, com gente exclamando:

Olá-lá-lá, brasileiro está na rua.

Na África, senti-me fisgado, arpoado, preso, marcado para o resto da vida. Por onde caminhei depois, comigo veio a África, com sua quentura, suas cores, sua gente, seus cheiros, seus gestos, seu ritmo.

Essa presença africana, intensamente vivida, juntou-se à minha infância e adolescência passadas em seminário católico, preparando-me para ser padre, o que me tornou impermeável a muitas vaidades.

Conversando certa vez com Alceu Amoroso Lima, tentei explicar-lhe por que nem sempre certas benesses me alegravam tanto

quanto deviam. É que, depois de ter desejado o sacerdócio, com a certeza de que iria ser intermediário entre Deus e os homens, com o poder de perdoar pecados, tudo o mais parece pequeno. As duas experiências, a do seminário e a da África, se completaram, dando-me a convicção de que não podemos continuar esmagados pela injustiça e pela discriminação que nos cercam.

Estamos na Casa que norteia e orienta, analisa e impulsiona, discute e concilia, honra e enobrece. Estamos no fim de um século e de um milênio, do século XX para todos e do século V de Oliveira Viana.

A nossa geração - que nos abrange a todos, dos mais jovens aos menos - terá de usar total determinação no esforço de criar condições, reais e imediatas, para que toda a nossa população possa participar integralmente das produções do País, do pão à poesia.

Senhores acadêmicos, sou-vos grato pela escolha de meu nome para membro efetivo desta Casa e por me haverdes, com isso, permitido acesso ao que de imortalidade possamos tirar do tempo. Chego a este momento pela mão de Geraldo França de Lima, escritor que, desde o romance Serras Azuis, nos anos de 1950, já marcara seu lugar na lista das obras permanentes da ficção brasileira. É alegria e honra ser por ele recebido em vosso nome.

Diante de vós, talvez se possa imaginar como será o Brasil do futuro. O pensamento múltiplo, diversificado, conservador ou novidadeiro, que esteja conosco, sugere a invenção de um modo de ser brasileiro, que já existe, mas pode precisar de novas contribuições e acertos. Foi o que senti ao ler, antes da posse de hoje, quase uma centena de discursos feitos por acadêmicos de anteontem, de ontem e de agora. Neles vibra uma agitação

permanente que nos indica mais uma direção do que uma estrada. Para levarmos esse movimento à frente, teremos de escrever. É nosso chamado, é o nosso mistério, é a nossa única vitória contra o tempo.

Em 12 de setembro de 1955, uma escritora e um escritor se conheceram no Rio de Janeiro, e desde então dedicaram seus livros um ao outro, em amorosa reciprocidade. Dirijo, por isso, a Zora, neste final de minha fala, uma frase também curta e simples: "Muito obrigado, Zora, por ter me feito escrever durante 42 anos".

A recepção de Geraldo França de Lima

Senhor Antonio Olinto,

Desde que nas condições em que me encontro, me convidastes para receber-vos no instante de vossa sagração acadêmica, implicitamente dispensastes um discurso que, pela forma, pelo conteúdo, pela essência, pelo brilho e esmero de sua composição artística, estivesse à altura da pompa e da gala desta noite em que vos tornais consócio ilustre desta centenária companhia.

Tentei declinar deste momento que, se para mim é honroso, para vós inesquecível. Fostes mais forte do que eu e agora aqui me tendes. Chegais a esta Casa pela cuidadosa e laboriosa obra literária que vindes realizando com paciência e carinho, através de uma longa jornada inteiramente dedicada à cultura e ao amanho das letras.

Curiosas e inexplicáveis, as estradas de nossa vida a princípio nos parecem retas, destorcem, bifurcam nas surpresas que se justificam sob o vasto espaço que se chama acaso.

Sem dúvida o que surge em determinado instante, num célere faiscar de olhos, se amplia num acontecimento transcendente com repercussões posteriores.

Será acaso, será destino?

Sem querer entrar nas condições teóricas, inclino-me pelo livre-arbítrio porque temos a capacidade de escolher, de discernir. Incontestavelmente um mistério envolvido nas brumas desvia nossos passos e por mais que queiramos obedecer à força imaginada nos desligamos do rumo que tencionávamos seguir.

Será o encontro do homem consigo mesmo ou a situação apontada por Guimarães Rosa referente ao aventureiro que, ao iniciar a nado a travessia de um rio, assinala no barranco o ponto em que quer chegar e, no entanto, vai dar metros além.

Como as águas que o levaram, as circunstâncias de nós se apoderam e teimosamente nos arrastam.

Será isto fatalismo?
Não – respondo eu.

É a vocação que como um botão de rosa vai crescendo, vai constituindo-se, vai compondo-se até triunfalmente abrir-se na beleza espontânea de uma flor.

Um poeta de Minas Gerais, Honório Armond, a quem caberia justa nomeada nas letras nacionais e que preferiu ocultar-se na paz bucólica das montanhas de Barbacena, encontrou também

o mistério que se esconde nas brumas e no-lo revela nestes versos, que não são de protesto, mas ao contrário de tranqüila aceitação:

> "Fatalidade em vão nós te evitamos!
> Em vão traçamos nós retos caminhos
> Mas de que servirão nossos reclamos
> Se estes caminhos pelos quais nós vamos
> Enchê-los tu de meandros e de espinhos."

Deduz-se que para o poeta os meandros são desvios imperceptíveis e os espinhos o embate que se dá dentro do próprio eu.

Sentia-o também Goethe no Fausto ao afirmar que duas almas viviam no seu peito. Talvez o bem e o mal, o sim e o não.

A maior luta de um homem é consigo mesmo, entre querer e realizar, insistir e não conseguir. Triunfa aquele que atende à sua vocação. Voccatur, ser chamado e para as letras Senhor Antonio Olinto fostes sorteado. De uma forma lenta ouvistes os sonidos longínquos da vossa chamada.

Muitas voltas destes, estágios e tentativas, mas enfim nas letras vos realizastes numa obra peregrina e copiosa.

No capítulo das guerras púnicas Cipião, o Africano, deixou na Ibéria contingentes romanos de soldados e mercenários misturando o sermo castrense e o sermo plebeius com os elementos fonéticos locais de onde nasceu o linguajar das Hispânias e, deste, a nossa língua. Quando Portugal se constituiu, a língua já se revestia de roupagens próprias, numa evolução lenta e contínua. No século XV, os portugueses se fizeram aos mares d'outrem nunca navegados

e a língua depois de ter passado pela África chegou à Ásia e desembarcou na Terra de Santa Cruz.

No século XVI, Camões, o maior épico da Renascença, salvando das águas revoltas do oceano os Lusíadas, salva também a língua portuguesa, dá-lhe foros de beleza de suavidade, de independência de "turba de alto clangor", tomando-a cantante e forte.

Senhor Antonio Olinto,

esta é o nosso instrumento de trabalho e é ela que vos traz de Ubá a esta Academia secular.

Meu caro consócio,

ambos somos mineiros e basta essa circunstância para que entre nós se estabeleçam laços estreitos e indestrutíveis de afinidades plurais. A cultura mineira, eu diria, os hábitos mineiros são simples, mas revelam peculiaridades alicerçadas na sua psicologia e na sua estrutura social. O mineiro é o homem da convivência amena, ama a ordem e detesta o que lhe parece espalhafatoso, contrário à sua maneira de ser. Gosta da fartura e do adorno do seu lar, é prudente e reservado.

Em pleno regime colonial sopita em Minas um núcleo cultural em que esplendem a pintura, a arquitetura, a escultura, a literatura e a música barroca. A mais antiga orquestra de toda a América nasceu em São João del-Rei e até hoje existe.

Os seminários instituíram o gosto pelo latim e Saint-Hilaire registra as casas da província em que se ouvia fluentemente o francês.

A história política de Minas se inicia com a Inconfidência. Preservamos o respeito a uma noção verdadeira de todas as

atividades, mas se as circunstâncias impõem aos mineiros a restauração da lei desrespeitada ou da ordem ameaçada não fugiremos à luta e ainda mais uma vez Guimarães Rosa com precisão habitual: "Mas sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz".

O mineiro sente fascinação pela literatura, tem um xodó pelo poeta, pelo orador e pelo escritor, parecem-lhes seres privilegiados. A Academia tem para ele a altitude do Olimpo. De resto, as academias constituem uma das mais belas tradições de nossas letras. Mal se formavam na Europa, não tardou, repercutiram no Brasil e vamos encontrá-las na Bahia e no Rio. Grêmios ingênuos formados por espíritos simplórios dominados por um acendrado respeito às letras. Só essa motivação absolve seus modestos membros de qualquer pretensão vaidosa. A academia significava para eles a nave de um templo onde se pudesse homenagear a deusa das letras.

A França ensaiava seu domínio intelectual sobre o mundo, quando despontou a sua Academia.

Organismo composto de homens com suas fraquezas e suas exaltações, certamente será claudicado na escolha de seus membros.

Vultos preclaros por motivos que a lógica não explica não lograram o assento naquela jóia literária.

Alguém que jamais conheceu o sucesso, assim redigiu seu magoado epitáfio:

"Ci gît Pirron quin e fût rien
Pas même académicien."

As investidas sem razão e com perfídia não cessavam de alvejar a Academia Francesa e, então, um dos seus membros compôs com graça e humor estes versos precisos:

"Quand nous sommes quarante,
Tout le monde se moque de nous
Alors que nous devenons trente e neuf
Tout le monde à nos genoux."

Há cem anos, ao cabo de várias tentativas, Lúcio de Mendonça e Medeiros de Albuquerque fundaram esta Casa, que também teve seus adversários e detratores, cujos nomes se esfacelaram na esteira do tempo.

Nossos cem anos representam um quinto da existência do nosso país.

Hoje mais do que nunca, faz-se mister a vigilância atenta na defesa dos valores superiores e sociogeográficos de nosso idioma face à permissividade anti-sintática, com que a alvejam os meios de comunicação.

Nada mais procedente do que a aspiração de um autor à auréola acadêmica. Todo aquele que preza a sua obra deseja vê-la aceita pelo voto deste colegiado. Longe de ser elitista, longe de posições predispostamente sectárias a Academia Brasileira de Letras, esta a que ora pertenceis, ainda que pareça um paradoxo, é a mais democrática de todas as instituições nacionais. Não opõe veto à inscrição de qualquer pretendente e aqui dentro não se formam núcleos de apoio ou células de conspiração contra um candidato. Lêdo Ivo afirmou que um candidato pode ser estadista, diplomata,

militar, máximo homem de letras, cientista, clérigo, magistrado, mestre de finanças mas que uma vez eleito passa a ser única e exclusivamente acadêmico.

As universidades se formaram sob a evocação da alma mater e a Academia sob a evocação do espírito acadêmico, que é simples, ou seja, a convivência harmoniosa e a rigorosa fidelidade às letras.

Senhor Antonio Olinto,

nossa paixão pelas letras inicia-se no lar materno, pois que, para espanto de vossa família, aos 3 anos conhecíeis as letras do alfabeto e precocemente já formáveis frases com sentido nítido e completo.

Nascestes em Ubá, na mata mineira onde a fazenda constituía a maior expressão econômica do município. No tempo da monocultura, os campos retinham o homem, as cidades eram tranqüilas, hospitaleiras e risonhas.

Fostes estudar no seminário de Campos, passastes para o de Belo Horizonte e finalmente completastes vossa preparação eclesiástica no seminário de São Paulo. Mas não vos sentíeis capaz de assumir o sacerdócio católico e em boa paz com a Igreja o deixastes. Viestes para o Rio e na seqüência natural dos fatos, dono de invejável formação humanística, fostes lecionar. Estabelecido nesta cidade, organizadas as vossas atividades de magistério, pudestes então convosco encontrar e abraçastes a carreira das letras, que tem sido o vosso pão e o vosso vinho. Apareceis organizando uma exposição de poesia sob a égide de Malraux e esse acontecimento lítero-artístico ocorreu dois dias após o término da guerra de 39. Em 10 de maio de 45, dáveis o primeiro passo no caminho da arte literária.

Crítico, poeta, contista, romancista, ensaísta, conferencista, biógrafo e jornalista, vossa atividade neste campo não sofreu solução de continuidade. Vosso talento na crítica foi imediatamente reconhecido e no jornal O Globo mantivestes uma coluna privativa, "Porta de Livraria", em que comentáveis autores muitos principiantes, assustados e apreensivos.

Era no tempo dos grandes suplementos literários, e a sua leitura aos sábados e domingos se impunha como festa da inteligência.

Fostes um crítico analítico, impessoal e imparcial, jamais vos deixastes levar pela emoção. Soubestes com habilidade separar o escritor de sua obra. A pessoa física do autor não vos interessava, queríeis conhecer, analisar a peça escrita. Nunca deixastes de salientar os elementos aflorados. Mesmo discordando, vossa sentença era polida, acaso encorajadora, respeitando a capacidade criadora de todo aquele que não temia atirar-se no torvelinho da audácia.

"Porta de Livraria", sem negar ou desconhecer outros méritos, é das marcas mais expressivas de vossa atividade de beletrista. No vosso magnífico trabalho sobre André Gide, manejastes a pena com um profundo conhecimento da matéria, porque o estudado apresenta muitas vezes na sua obra aspectos que aparentemente se chocam mas, ao contrário, possuem uma fluidez rena e contínua. André Gide foi e será sempre uma presença marcante.

Sois grande no conto, não há gênero que demande tantos cuidados como requer o conto, como um relógio de peças mínimas em que cada uma destas tem de ser rigorosamente encaixada, tal

como a palavra certa na sua colocação precisa, pois do contrário se perderia o equilíbrio narrativo.

Na poesia, vosso estro nada fica a dever ao estro de nossos grandes poetas. Considero a poesia brasileira das mais belas e tocantes. Observava Bernanos, que a terra brasileira por seus atrativos, pelo seu telúrico poder de assimilação e sobretudo pela suavidade da nossa alma é uma sugestão permanente ao verso. Quem lê vossa poesia não a esquece porque ela envolve o leitor numa intensa emoção.

Vossa poligrafia literária compreende conferências em que versais temas atraentes intimamente ligados à nossa terra. Centenas de palestras vindes pronunciando, posso dizer sem exagero nas universidades da América, da Europa, da Ásia e da África.

Com uma fertilidade impressionante nunca vos repetistes. Se a originalidade não é fácil sabeis de tal modo trabalhá-la que nas vossas mãos constantemente se renova.

Poliglota soubestes traduzir com fidelidade o texto vernáculo sem contorcê-lo nem alterá-lo.

Como adido cultural em Lagos e em Londres, divulgastes com incessante atuação não só os escritores como igualmente o Brasil em toda sua formação econômica e cultural.

Senhor Antonio Olinto,

tendes praticado todos os gêneros da literatura, tão vasta e comprida é a vossa obra que só por amostragem posso inseri-la nesta saudação. Tenho para mim que o fulgor do vosso talento criador se acusa na prosa dos vossos romances, todos eles revestidos da característica essencial – a forma, o tema e a mensagem. Transportais para cada um deles não só experiência e vivência, mais

ainda o poderio de vossa imaginação, sabendo criar um universo fictício que perfeitamente se aproxima da realidade. Vosso romance Copacabana é uma fotografia tão bem tirada, tão bem revelada que não necessita de retoques. O Cinema de Ubá retrata não só a casa de projeção daquela cidade, mas os cines de todas as cidades interioranas – o filme, o piano, o violino. Esse cinema é parte integrante de vossa infância. Propriedade de vosso pai, para lá leváveis vossos companheiros daquela quadra.

Extraordinário veículo de cultura o cinema, tanto o mudo quanto o sonoro!

Tempo de palhaço é a realidade de braço com a fantasia. O mineiro de Piau deixa Minas, vai para Paris, se envolve nas manifestações estudantis de protesto a propósito do 14 de julho e acaba, matriculando-se numa escola de palhaço em Londres, integrando-se na nobre profissão que só deseja fazer o bem através do riso.

Senhor Antonio Olinto,

em 1961, Tancredo Neves vos nomeou adido cultural em Lagos. Por sua natureza, um cargo de divulgação da inteligência brasileira, não vos esquecendo de vossa obrigação principal, mergulhastes na alma da África, continente espoliado.

Iniciada a colonização da América atlântica, o negro foi trazido para cá como escravo e força de trabalho.

A ambição argentária reduziu a África numa praça de negócios, explorando todas as suas fontes de riqueza, desde as minerais até a maior, que é o homem. Ignoraram os valores estruturais da raça camítica, a força de seus elementos morais, com

suas lendas, com sua religião, com suas tradições tão fortes que, apesar da escravidão, se mantiveram acessos e sobrevivem até hoje em toda a América.

De vossa ternura pela África nasce a trilogia, A Casa da Água, o Rei de Keto e o Trono de Vidro, que formam uma saga de uma das mais belas aventuras, com o espírito de uma gesta moderna. Extraordinária seqüência de predadores, dos matadores de elefante, dos desalmados exploradores do negro, enfim, a África inviável ou então só possível se submetida ao guante dos colonialistas insaciáveis.

Senhor Antonio Olinto,

sois um africanista que traçastes da África um perfil exato, defendeis os valores da cultura local, dais-nos uma África humana esperançosa de viver em paz com seus mitos, com seus deuses, com suas tradições.

Vossa atividade é incansável, não há muito elaborastes uma história da literatura brasileira em que mais uma vez mostrastes vossa capacidade de reflexão, de análise e de julgamento, que se inclui na vossa folha de serviços às letras brasileiras. Publicada na Itália, não só alcançou sucesso como se tornou fecunda fonte de informações.

Vossa obra está traduzida em todos os continentes em 19 línguas, discutida, comentada em mais de setenta universidades e, sem exagero, sois um dos brasileiros mais lidos no exterior. Possuís o raro dom de saber comunicar-vos não só no vernáculo, quanto em inglês, francês, espanhol e italiano, que com sobranceria dominais.

Na Inglaterra, fundastes um jornal em língua inglesa Brazilian Gazette, veículo de curso rápido e com seleta receptividade.

Fui, como fostes, professor de História, já estudada sob os postuladores modernos, que afastam a narrativa e exigem o debate profundo da razão dos fatos. Na sua apreciação tanto fria quanto objetiva, Chesterton, tão amado e querido por nosso inesquecível Alceu, ensina que só existe uma lei histórica, o imprevisto.

Sem dúvida, por mais que veladamente a Espanha viesse conspirando contra a independência de Portugal, jamais se admitiu que um dia o Velho Reino, por inesperado erro na batalha de Alcacer-Kibir, favorecesse as artinhosas maquinações da corte de Madri. Esse episódio histórico desenvolveis no vosso último romance Alcacer-Kibir. Soubestes escrevê-lo com maestria, fugindo da seca efabulação. Nele introduzistes ajustadas linhas de ficção sem, contudo, prejudicar aquele imprevisto estratégico no solo da África, que tão fortemente beneficiou o Brasil, eliminando a linha de Tordesilhas, que reduzia o nosso território a pouco mais de dois milhões de quilômetros quadrados.

As vossas páginas emocionam tanto, como as aventuras fantásticas da trama e dos rasgos dos destemidos enamorados da morte.

Senhor Antonio Olinto,

vossas atividades gerais não se cingiram ao nobre ofício de escritor, se bem que esta haja sido a linha norteadora de vossas ações.

Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação, criastes ali um instrumento de divulgação, a revista Brasil Constrói, em português, francês e inglês, e mais adiante publicastes igualmente ricos volumes daquela secretaria de estudos sob a adequada denominação Coleção Mauá.

Preocupado com a dificuldade de autores encontrarem seus editores, tivestes a iniciativa de instituir prêmios literários e dentre esses o Walmap, até então o de maior valor econômico, com larga repercussão nacional e mesmo internacional.

A Academia Brasileira de Letras vos observa com interesse e na primeira oportunidade vos concedeu o prêmio Machado de Assis, reservado para o conjunto de obras.

Na vossa caminhada ascensional tendes tido ao vosso lado extraordinário vulto de mulher, a vossa mulher Zora Seljan.

Escritora, também polígrafa, também teatróloga, com peças encenadas em Londres coroadas de justo e merecido sucesso.

Possuidora de grande cultura soube entender-vos e compreender-vos, proporcionando-vos, sobretudo um lar feliz. Sempre junto de vós, tem sido a estrela que ilumina vossos caminhos, administradora eficiente, está ao vosso lado na direção do jornal Brazilian Gazette e jamais permitiu que nas horas difíceis, comuns a todos os homens, o desânimo vos dominasse.

Mineira de Ouro Preto, pode sentir-se orgulhosa de ser conterrânea do árcade Cláudio Manuel da Costa, podendo para seu gáudio repetir:

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci...

Vossa mulher e vós vos completais numa afinidade que vos mantém unidos.

Senhor Antonio Olinto,

nesta noite a Academia Brasileira de Letras se engrandece, pois vem nela conviver um espírito de autêntica formação humanística, de extraordinária atividade intelectual, de rara sensibilidade que moldura seus livros com o mais puro lavor artístico.

Esta Casa está feliz porque de agora em diante é também vossa.



Arnaldo Niskier, Alain Touraine e Antonio Olinto

Jornal de Letras

Jornal de Letras

Fundado por Elysio Condé, com a morte deste, desapareceu o *Jornal de Letras*. Em 1998, já integrando a Academia Brasileira de Letras, junto com os também imortais Arnaldo Niskier e Tarcísio Padilha, reabriu o *Jornal de Letras* cujo número "0" zero, saiu em agosto de 1998. Antonio Olinto é o editor e o jornal já passou do centésimo número, com periodicidade mensal, levando cultura e informação ao povo brasileiro.



Academia Brasileira de Hagiologia

Academia Brasileira de Hagiologia

A Academia Brasileira de Hagiologia (ABRHAGI) foi fundada em 8 de dezembro de 2004, em Fortaleza (CE), por nossa iniciativa, de José Luís Lira, de Matusahila Santiago e de Gizela Nunes da Costa. A ABRHAGI é a primeira academia dedicada ao estudo dos santos, candidatos à honra dos altares. Ficou composta por acadêmicos cearenses (20) e de outros Estados da Federação (20), para garantir a abrangência nacional.

Então, foi feita consulta e seleção entre escritores e intelectuais de todo o País e os fundadores convidaram Antonio Olinto para integrar o movimento. Ele, prontamente, aceitou o convite e ocupa a cadeira de nº 25, tendo por patrono São Jerônimo, o grande tradutor da Bíblia, escolhido pelo imortal.



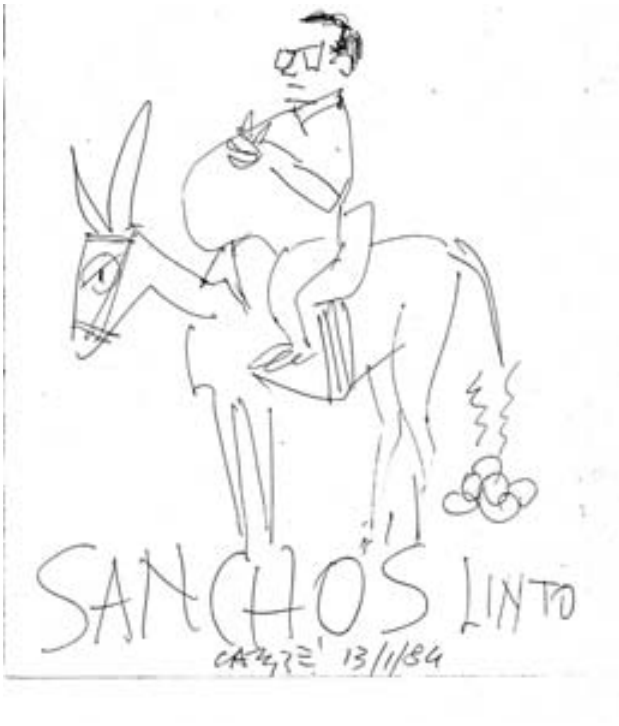
Caricatura de Antonio Olinto feita em Londres

Secretaria das Culturas

Secretaria das Culturas

Em 1º de janeiro de 2001, Antonio Olinto foi nomeado, por ato do Prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, para o cargo de Diretor Geral do Departamento de Documentação e Informação Cultural, da Secretaria das Culturas, então dirigida pelo Dr. Paulo Alberto Moretzsohn Monteiro de Barros (senador Artur da Távola).

Encontra-se até os dias de hoje nesse setor e, na sua gestão, já inaugurou 29 bibliotecas municipais em prédios fixos e outras em variadas comunidades carentes do Rio de Janeiro.



Caricatura de Caribé: Sancho's Linto

O Instituto Cultural Antonio Olinto

O Instituto Cultural Antonio Olinto

Por sua iniciativa, foi criado o Instituto Cultural Antonio Olinto, que recebeu o patrimônio cultural do casal, que possui no seu acervo mais de duzentas esculturas de madeira da África, bem como mais de 20 mil volumes de sua biblioteca e cerca de 5 mil fotografias ligadas à literatura brasileira.

Ressalte-se que a biblioteca de Antonio Olinto, conservada em seu apartamento na rua Duvivier, em Copacabana, Rio de Janeiro, é uma das poucas bibliotecas particulares que possuem denominação: Biblioteca Dinah Silveira de Queiroz, a segunda mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, autora do romance *A muralha*.

Olinto justifica o fato de que, com a morte do primeiro marido, Dinah ficou muito triste e não saía mais de casa, então, reuniu em seu apartamento amigos comuns, a exemplo de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Dário de Castro Alves (que veio a ser o segundo marido de Dinah), entre outros, e com a presença da homenageada, inaugurou a Biblioteca Dinah Silveira de Queiroz.

O Poema

O Poema

O poema existe
indelével
inteiro em seu universo
erguido sem apoios
antagônico
a qualquer domínio
sem pretensões à verdade
porque dono de si mesmo
de sua realidade
avesso a catástrofes
ciente de um destino
ínsito na palavra
em busca de um caminho
sem porto de chegada.

Poema inédito
Antonio Olinto
Rio, 1/7/07



Olinto conversando com o presidente da ABL no ponto mais alto do carro abre-alas dos Baluartes da Mangueira, no desfile de 2007 – Samba-enredo "Minha pátria é minha língua, Mangueira meu grande amor. Meu samba vai ao Lácio colhe a última flor".



Domício Proença Filho, Marcos Vilaça e Antonio Olinto

O incansável literato

O incansável literato

Antonio Olinto é incansável. Às vésperas de celebrar dez anos de imortalidade literária, e se aproximando dos 90 anos, não pára. Jamais declina de um convite, fazendo-nos duvidar de sua idade. É um jovem na maneira de agir e de enxergar o mundo. Cada vez que fita o firmamento diz: "Como é belo o mundo!".

Sua agenda é intensa. Reuniões, visitas a bibliotecas, sessões na Academia Brasileira de Letras, desfile na Escola de Samba Mangueira, no carnaval de 2007, encontros e bienais dentro e fora do Rio de Janeiro, mostrando que a aposentadoria só vem quando se quer.

Ao longo de sua atividade lítero-cultural, proferiu conferências e seminários no Brasil e no Exterior.

O reconhecimento aqui e alhures é demonstrado. Uma das provas disto é que, em setembro de 1997, no quadro das comemorações do Sete de Setembro, a Embaixada do Brasil na Romênia inaugurou, em Bucareste, a Biblioteca Antonio Olinto.

Atendendo a convite do Governo português, em 2000, participou das Jornadas da Lusofonia realizadas em Lisboa, Estocolmo, Gotemburgo, Lund e Copenhague.

É detentor do título de *Doutor Honoris Causa*, da Faculdade de Letras do Conjunto Universitário de Ubá (MG), outorgado em 2000, e do Diploma de Excelência da Universidade *Vasile Goldis*, de *Arad* (Romênia), pelo seu trabalho para difusão da cultura brasileira naquele País.

Além da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Hagiologia, Olinto integra a Academia Carioca de Letras, a Academia Fluminense de Letras, a Academia Ubaense de Letras (Casa de Antonio Olinto). É um dos fundadores da União Brasileira de Escritores (UBE) e membro honorário da Academia Fortalezense de Letras.

Em 2002, foi eleito presidente da Comissão Nacional Organizadora do Centenário de Nascimento de Ary Barroso, que foi celebrado com várias comemorações no País e no Exterior. Para homenagear Ary Barroso, Antonio Olinto lançou o livro *Ary Barroso, a História de uma Paixão*, apresentado em várias capitais e em sua cidade natal, Ubá.

Discreto, pois pouco fala sobre outra arte que domina tão bem, os pincéis, possui várias telas de sua autoria, e, no dia 17 de julho de 2003, apresentou seus quadros *naifes* no Shopping Cassino Atlântico, juntamente com o lançamento de seu livro Ary Barroso.

A biblioteca da Faculdade de Letras Ozanan Coelho, de Ubá, inaugurada em 2003, com 34 mil volumes, recebeu o seu nome.

Em 2004, o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro outorgou-lhe o título de Sócio Grande Benemérito, ano também, em que ministrou na *UniverCidade* curso de doze

conferências subordinado ao tema *Uma visão literária do Brasil de Anchieta a Rachel de Queiroz*.

Na qualidade de Visiting Lecturer ministrou cursos sobre a cultura brasileira na Universidade de Essex, Inglaterra.

Antonio Olyntho Marques da Rocha, único filho de dona Aurea Loures Rocha e do Sr. José Marques da Rocha, é o *Brasileiro com alma africana* que tencionei apresentar ao leitor que conhece sua poesia, prosa, crítica literária, romance, artes plásticas e julgo necessário partilhar, com a sociedade brasileira, sua infância, quando já demonstrava potencial surpreendente, pois enquanto sua tia alfabetizava sua babá, o menino aprendeu a ler e foi com agradável surpresa que todos os seus tomaram conhecimento. Seus dias de seminário, o magistério, a aventura da literatura e da África, seus amores e por que não dizer, sua vida, são admiráveis.

Seu grande amor, Zora Seljan, após longos problemas de saúde, faleceu no dia 25 de abril de 2006, sendo sepultada no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras. Zora, a quem todos os seus livros foram dedicados, é presença constante em seu dia-a-dia. Isso prova o que o imortal Carlos Nejar diz no poema, "amor não acaba", me fazendo recordar aquela que nos apresentou: Rachel de Queiroz, para quem a presença do marido Oyama Macedo, mesmo depois de morto, era constante.

A paixão de Antonio Olinto, mineiro de nascimento, africano de coração, cidadão do mundo, pela cultura, pelo ser humano, pelo Brasil, pelo planeta Terra, o mantém jovem, determinado, firme e confiante nas tarefas do dia-a-dia.

Iconografia

Iconografia



Antonio Olinto, Rex Collings (editor dos livros de Olinto em inglês)
e Alberto Costa Silva



Olinto e outras autoridades com o presidente Castelo Branco



Antonio Olinto e seu amigo Carlos Drummond de Andrade



Hélio Fernandes e Antonio Olinto



Antonio Olinto, Ivan Marinho e Jorge Amado



Antonio Olinto e Josué Montello



Congressista no exterior



Após congresso de escritores com Nélida Piñon, Saramago, Zélia Gattai e outros



Vinícius de Moraes com amigos entre os quais, Zora Seljan e Zélia Gattai



Zora com amiga e Mário de Andrade



Em Warri com o rei e seus ministros



Recebido por Rewani, primeiro-ministro de Warry



Com nigerianos entre os quais, Romana da Conceição, que inspirou personagem principal de "A Casa da Água"



Zora, Romana da Conceição e Antonio Olinto



Com Zora ante banner do *The Brazilian Gazette*



Com Zoé Chagas Freitas e Grande Otello



Zora com os sogros e Antonio Olinto



Zora e Olinto



Entrevistando artistas em Hollywood



Zora, Stael Abelha, Antonio Olinto e Roberto Marinho



Na inauguração da Casa de Cultura Antonio Olinto,
sede da Academia Ubaense de Letras (Ubá – MG)



Com Marco Maciel ante a casa em que
residiu Joaquim Nabuco em Londres



Palestrando na comunidade Lusíada



O professor Antonio Olinto palestrando sobre a literatura brasileira



Cumprimentando a 1ª dama Marly Sarney



Recebido oficialmente pelo Presidente José Sarney



Jorge Amado, Zora e Antonio Olinto numa festa de Candomblé na Bahia



Com a atriz Ruth Souza, na abertura da exposição
África: a arte do tempo no SESC-Rio



Autografando Tempo de Palhaço para Barbosa Lima Sobrinho



Com o Prof. Miguel Reale



A presidente da ABL, Nélida Piñon queimando os votos após a eleição de Olinto em 31 de julho de 1997

Posse na ABL



O novo imortal adentrando a ABL



Acadêmicos presentes à posse. Sentados: Rachel de Queiroz, Antonio Olinto, Nélida Piñon, Geraldo França.
Em pé: Alberto Venâncio Filho, Josué Montello, Evaristo de Moraes Filho, Cândido Mendes, Oscar Dias Correa, Padre Bastos d'Ávila e Marcos Almir Madeira



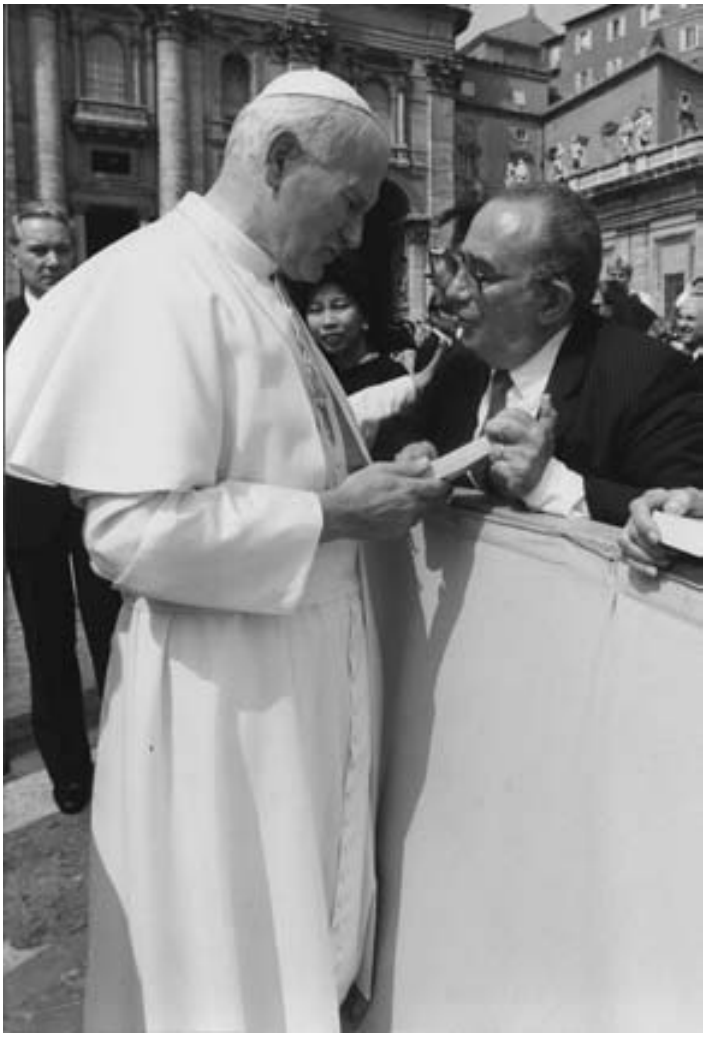
Com Gerardo Mello Mourão



Recebendo os cumprimentos de Paulo Coelho



Na sala da presidência da ABL com os colegas Marcos Vilaça e Cícero Sandroni (atual presidente da ABL)



Entregando seu livro "A Casa da Água", em polonês,
ao Santo Padre João Paulo II.



Entre Dirceu dos Santos Ribeiro (Prefeito de Ubá) e Maurício Valadão Ribeiro de Melo (Presidente da Câmara de Ubá), recebendo homenagem



Autografando os primeiros exemplares da Trilogia Alma Africana para os editores Rafael Goldkorn e Rosemary Alves, da Editora Bertrand Brasil



Antonio Olinto apresentando livro do autor



Antonio Olinto e sua assessora Beth Almeida



Antonio Olinto e os livros

Antonio Olinto: homem com coração de menino

Antonio Olinto:
homem com coração de menino

Beth Almeida
(Editora-Adjunta do Jornal de Letras)

Parafraseando Antonio Olinto: Falar de Antonio Olinto é fácil, falar de Antonio Olinto é difícil. Homem, menino, sábio, transparente, desconfiado como bom mineiro. É o ser humano mais puro no sentido literal da palavra. Fui trabalhar com Zora e Antonio Olinto há mais de vinte anos. Ela ainda estava entre nós quando fizemos bodas de prata, ela brincava e ao mesmo tempo me impunha a responsabilidade de continuar a sua missão de cuidar e ser o cão de guarda do Piau, como o chamava carinhosamente.

Quando perdemos Zora fiz um desabafo no Jornal de Letras, "Adeus, Zora", em que dizia: ...era uma pedra bruta, fui sendo lapidada pelo carinho, amor e ensinamentos dos dois.

Zora, mulher guerreira, sabia dizer não com firmeza e estava sempre pronta para as batalhas que enfrentou, e foram muitas. Ainda jovem militou por partidos políticos que a levaram com o filho recém-nascido Roberto, de sua união com Rubem Braga, à cadeia durante o regime militar. Foi salva pelo jurista e acadêmico Evandro Lins e Silva. Quando soube do falecimento do amigo devido a um tombo, chamou Antonio Olinto e disse:

— Viu, Evandro não tinha uma Beth ao lado dele.

Mulher sábia, quando sentiu que devido à osteoporose não poderia mais acompanhar Antonio Olinto, me chamou:

— Beth não vou poder mais viajar com o Piau como fazíamos, você agora é que vai acompanhá-lo e cuidar dele. Deu a ordem, mas supervisionava, dava instruções, cuidava a seu modo de tudo na casa e em nossas vidas. Com Antonio Olinto viajou o mundo, coletando dados, peças e histórias. Mulher vibrante, sua estada nas Embaixadas de Lagos e Londres guardou histórias. Sempre à frente de seu tempo, destoava da austeridade do Itamaraty, andava pelas ruas de Lagos, e cidades vizinhas, falando com descendentes de brasileiros que haviam retornado para a África depois da abolição. Depois de uma pergunta feita por um afrodescendente, escreveu o livro *No Brasil ainda tem gente da minha cor?*

Estudiosa das origens africanas recebeu ensinamentos e relatos de Mãe Senhora, então babalorixá do Ilê do Apô Afonjá, casa de candomblé da Bahia, hoje sob a direção de Mãe Stella de Oxosse. Das conversas com Mãe Senhora, surgiram os livros *Festa do Bonfim*, *Educação na Nigéria*, *Iemanjá, mãe dos orixás*, *Histórias de Oxalá*, *Iemanjá e suas lendas*, *As três mulheres de Xangô*, todos com traduções para o inglês, *Exu, o cavaleiro da encruzilhada*, peça que foi encenada pelo Barons Court Theatre de Londres em 1991, e transformada em livro no ano de 1993.

Ave Zora, Ave Aurora, livro de poesia que Antonio Olinto fez de um só fôlego, depois de sua partida, nos leva a uma viagem no tempo, são trinta e quatro poemas, contando o que viram, o que sentiram, enfim o que viveram nos cinqüenta e um anos de feliz união.

Em 2007 conseguimos através de um projeto patrocinado pelo Sesc/Rio tornar o sonho de Antonio Olinto uma realidade, fazer a exposição de Arte africana, primeiro no Sesc do Flamengo e depois no Sesc Madureira. Quando entramos na exposição, sentimos Zora em cada objeto, tudo lembrava o apartamento de Copacabana, o cuidado com que ela teve em mandar catalogar as mais de duzentas peças africanas, os tecidos tradicionais, os livros, as fotos tiradas em quase todo o mundo, a máquina de escrever de Antonio Olinto. Com que emoção assistimos sua peça *Exu, o cavaleiro da encruzilhada*, ser lida, quase dramatizada por jovens atores, que conseguiram passar para a platéia a mensagem da mulher pioneira que já em 1990 vislumbrava a violência e a decadência humana do século XXI. Seu livro *No Brasil ainda tem gente da minha cor?* teve uma segunda edição que foi distribuída no último dia da exposição em Madureira.

Não entendia muito bem quando as pessoas diziam que eu era uma privilegiada, agora com o passar dos anos e na minha condição de avó, sei o que é.

Quando conheci Zora e Antonio Olinto minha filha Tatiana tinha uns quatro anos, o casal levou a menina ao mundo maravilhoso dos livros. Agora com o nascimento da Lyah, Antonio Olinto olha para a poltrona em que Tatiana ficava por horas lendo ou olhando atenta a tudo que o avô emprestado dizia e fazia e comenta: "Vejo aquela menina sentada e ela agora já é mãe, eu sou bisavô", diz com seu sorriso de menino.



"... Na verdade prevaleceu sempre, nesse mundo de fora, essa ânsia de mudar, sair de um lugar para outro, deixar um sentimento, uma casa, um ambiente, e mudar também de reis, de chefes, de qualquer coisa que se haja mantido tempo demais dominando um grupo de gente ou uma nação. O desejo de mudar costuma vir muito dentro das pessoas, e de tal modo abala tudo o que elas são, que não recuam sequer diante da morte quando querem romper com uma escravidão e ter mais liberdade".

OLINTO, Antonio. *O menino e o trem*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000. p. 89.

Lyah

De repente nasceu
uma estrela na terra
trazendo na frente
o nome de Lyah
e uma onda de alegria
inundou o ambiente.
Tati beijou-a
Beth apertou-a
nos braços e ria
comovida.
E Antonio o que fez?
Fez poesia
feliz da vida.

Antonio Olinto
Rio, 29 de abril de 2008



Antonio Olinto, Tatiana Santos e Lyah

Antonio Olinto:
um homem feliz

Antonio Olinto: um homem feliz

"Dizem
que em alguma parte
parece que no Brasil
existe
um homem feliz"
(Declaração do poema de Vladimir Maiakóvski)

E eu vos digo
que é verdade:
eu sou esse homem
com meus
oitenta e oito anos
de plena felicidade.

Antonio Olinto
Rio, agosto de 2007

Bibliografia de Antonio Olinto

Bibliografia de Antonio Olinto

Poesia

- *Presença* - poesia, Editora Pongetti, 1949.
- *Resumo* - poesia, Liv. José Olympio Editora, 1954.
- *O Homem do Madrigal* - poesia, Liv. José Olympio Editora, 1957.
- *Nagasaki* - poema, Liv. José Olympio Editora, 1957.
- *O Dia da Ira* - poema, Liv. José Olympio Editora, 1959.
- *The Day of Wrath* - tradução inglesa de O Dia da Ira, por Richard Chappell, edição Rex Collings, Londres, 1986.
- *As Teorias* - poesia, Edição Sinal, 1967.
- *Theories and Other Poems* - tradução inglesa de As Teorias por Jean McQuillen, edição Rex Collings, 1972.
- *Antologia poética* –Editora Leitura, 1967.
- *A Paixão segundo Antonio* - poema, Editora Porta de Livraria, 1967.
- *Teorias, novas e antigas* - poesia, Editora Porta de Livraria, 1974.
- *Tempo de verso* - poesia, Editora Porta de Livraria, 1992.
- *50 Poemas escolhidos pelo autor* – poesia, Editora Galo Branco, 2004
- *Ave Zora ave aurora* – poesia – Instituto Cultural Antonio Olinto, Rio, 2006.

Ensaio

- *Jornalismo e literatura* - ensaio, MEC, 1955.
- *O "Journal" de André Gide* - ensaio, MEC, 1955.
- *Dois ensaios* - Livraria São José, 1960.
- *Brasileiros na África* - ensaio sócio-político, Edições GRD, 1964.
- *O problema do Índio Brasileiro* - ensaio, Embaixada do Brasil em Londres, 1973.
- *Para onde vai o Brasil?*, ensaio político, Editora Arca, 1977.
- *Do objeto como sinal de Deus* - ensaio sobre arte africana, RIEX, 1983.
- *On the Objects as a Sign from God* - tradução inglesa de Ira Lee, RIEX, 1983.
- *O Brasil exporta* - história da exportação brasileira, Banco do Brasil, 1984.
- *Brazil Exports* - tradução inglesa, Banco do Brasil, 1984.
- *Literatura Brasileira*, Editora Lisa, 1994.
- *Letteratura Brasiliana* -(história da literatura brasileira), tradução italiana de Adelina Aletti, Jaca Book, 1993.
- *Scurt² Istorie a Literaturii Braziliene* (1500-1994), tradução romena de Micaela Ghitescu, Editora ALLFA, 1997.
- *Antonio Olinto apresenta Confúcio e o Caminho do Meio* – Rio de Janeiro, Editora Bhum – Ao Livro Técnico- 2001.

Artes Plásticas

- *African Art Collection*, tradução inglesa de Ira Lee, Printing and Binding, Londres, 1982.

Crítica Literária

- *A invenção da Verdade* - crítica de poesia, Editorial Nórdica, 1983
- *A verdade da Ficção* - crítica literária, COBRAG, 1966
- *Cadernos de Crítica* - crítica literária, Liv. José Olympio Editora, 1958

Literatura Infantil

- *Ainá no Reino do Baobá* - Literatura Infantil, LISA, 1979

Romance

- *A Casa da Água* - romance, Edições Bloch, 1969
- *A Casa da Água* - romance, Círculo do Livro, 1975
- *A Casa da Água* - romance, Círculo do Livro, 1988
- *A Casa da Água* - romance, Difel, 1983
- *A Casa da Água* - romance, Nórdica, 1988
- *A Casa da Água* – romance, 5ª edição, Nova Fronteira, 1999
- *The Water House* - tradução inglesa de Dorothy Heapy, Edição Rex Collings, 1970
- *The Water House* - tradução inglesa de Dorothy Heapy, Thomas Nelson and Sons Ltd, Walton-on-Thames, 1982
- *The Water House* - tradução americana Carrol & Graff, 1985
- *La Maison d'Eau* - tradução francesa de Alice Raillard, Edição Stock, 1973
- *La Casa del Água* - tradução argentina de Santiago Kovadlof, Editorial Losada, 1973.

- *La Casa del Água* - tradução argentina de Santiago Kovadlof, Editorial Losada, 1972.
- *Bophata Kyka*,(Macedônio), Macedônia Makepohcka Khnra (km), Skopje, 1992.
- *Dom Nad Woda* - tradução polonesa de Elizabeth Reis, edição Wydawnictwo Literackie, 1983. (Dom Nad Woda, edição Braille polonês, Polska Braille, 1985)
- *Casa dell'Acqua* - tradução italiana de Sonia Rodrigues, Edição Jaca Book, 1987.
- *O Cinema de Ubá* - romance, Liv. José Olympio Editora, 1972.
- *Copacabana* - romance, LISA, 1975.
- *Copacabana* - romance, Coleção Lisa Biblioteca da Literatura Brasileira (nº 5), LISA, 1975
- *Copacabana* - romance, Editora Nórdica, 1981.
- *Copacabana* - tradução romena de Micaela Ghitescu, Univers, 1993.
- *O Rei de Keto* - romance, Editorial Nórdica, 1980.
- *Le Roi de Ketu*, tradução francesa de Geneviève Leibrich, Edição Stock, 1983.
- *Il Re di Keto*, tradução italiana de Sonia Rodrigues, Edição Jaca Book, 1984.
- *The King of Ketu* - tradução inglesa Richard Chappell, edição Rex Collings, Londres, 1987.
- *Kungen av Ketu* - tradução sueca de Marianne Eyre, Edição Norstedts, Estocolmo, 1988.
- *Os móveis da bailarina* - novela, Edição Nórdica, 1985.
- *The Dancer's Furniture* - tradução inglesa de C. Benson, Editorial Nórdica, 1994.
- *I Mobili della Ballerina* - tradução italiana de Bruno Pistocchi, L'Umana Avventura, 1986.

- *Les Meubles de la Danseuse*, tradução francesa, L'Aventure Humaine, 1986.
- *Die Möbel der Tänzerin*, tradução alemã, "Humanis", 1987.
- *Mobilele Dansatoarei* - tradução romena de Micaela Ghitescu, Edição Nórdica, 1994.
- *Trono de vidro* - romance, Editorial Nórdica, 1987
- *Trono di Vetro* - tradução italiana de Adelina Aletti, Jaca Book, 1993.
- *The Glass Throne* – tradução inglesa de Richard Chappell, Sel Press, 1995.
- *Tempo de palhaço* – romance, Editorial Nórdica, 1989.
- *Timpul Paiatelor* – tradução romena de Micaela Ghitescu, Editura Univers, Bucaresti, 1994.
- *Sangue na floresta* – romance, Editorial Nórdica, 1993.
- *Alcacer-Kibir* – romance histórico, Editora CEJUP, 1997.
- *A dor de cada um* – 1º romance da "Coleção Anjos de Branco", Mondrian, 2001.
- *Ary Barroso, história de uma paixão* – romance, Mondrian, 2003.

Conto

- *O menino e o trem* – conto, Editora Ao Livro Técnico, 2000.

Gramática

- *Regras práticas para bem escrever / Laudelino Freire (1873-1937)* – ampliada e atualizada por Antonio Olinto, Lótus do Saber Editora, 2000.

Dicionário

- *Minidicionário poliglota* – dicionário, Editora Lerlisa.
- *Minidicionário Antonio Olinto: inglês-português, português-inglês – dicionário*, Editora Saraiva, 1999.
- *Minidicionário Antonio Olinto: espanhol-português, português-espanhol* – dicionário, Editora Saraiva, 2000.
- *Minidicionário Antonio Olinto da lingua portuguesa* – dicionário, Editora Moderna, 2000

Bibliografia utilizada

Bibliografia utilizada

- Todos os livros do escritor Antonio Olinto, em português.

- Revistas da Academia Brasileira de Letras.

Arquivos consultados:

- Biblioteca da Academia Brasileira de Letras;
- Acervo do Instituto Cultural Antonio Olinto;
- Arquivo pessoal de Antonio Olinto.

Jornais:

- "O Globo" – vários números
- "Tribuna da Imprensa" – vários números.

Webgrafia

Webgrafia

- //diariodorio.com/category/ponte-rio-niteroi/> Acesso em: 13 jun. 2007.
- //observatorio.ultimosegundo.ig.com.br> Acesso em: 13 jun. 2007.
- //penclube.no.sapo.pt> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www. pt.wikipedia.org> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.academia.org.br> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.fundaj.gov.br> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.hagiologia.org.br> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.oglobo.com.br> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.planalto.gov.br> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.presidencia.gov.br/info_historicas> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.releituras.com> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.tribunadaimprensa.com.br> Acesso em: 13 jun. 2007.
- www.tudoresidenciamedica.hpg.ig.com.br> Acesso em: 13 jun. 2007.

O autor (José Luís Araújo Lira)

Nascido em Guaraciaba do Norte, Ceará, no dia 17 de dezembro de 1973, é advogado, professor do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, do qual já foi coordenador adjunto e coordenador titular. Atualmente é Chefe de Gabinete da Reitoria da mesma Universidade. Fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Hagiologia (ABRHAGI), ocupando a cadeira n° 1, tendo por patronesse Nossa Senhora de Guadalupe, e igualmente fundador da Academia Fortalezense de Letras e da Academia Cearense de Hagiologia, membro da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará, da Academia Camocinense de Letras, da Academia Sobralense de Estudos e Letras, da Associação Brasileira de Bibliófilos, da Sociedade Cearense de Geografia e História, da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, entre outras. Este é seu décimo livro e a sétima biografia. Seu trabalho *Candidatos ao Altar*, sobre todos os brasileiros que estão em processo de beatificação e canonização, foi aplaudido pela crítica especializada de todo o Brasil e, nele foi antecipada a possibilidade de canonização de Santo Antônio de Sant'Ana Galvão, primeiro brasileiro nato que foi santificado. Seu livro *A saga de Gerardo: um Mello Mourão*, além de muito bem recebido pela crítica, foi lançado no Senado Federal (Brasília, DF).

Contato: joselira.adv@hotmail.com